FACULDADES MAGSUL

MATHEUS HEIDERICH LOUREIRO ALMEIDA

VALORES ARTÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ PY

PONTA PORÃ
2016

MATHEUS HEIDERICH LOUREIRO ALMEIDA

VALORES ARTÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ PY.

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais, sob a orientação do Prof° Me. André Soares Ferreira.

PONTA PORÃ
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447v

Almeida, Matheus Heiderich Loureiro.
Valores artísticos, históricos e culturais das gravuras rupestres do sítio arqueológico Cerro Akuá PY/ Matheus Heiderich Loureiro Almeida.− 2016.
67 f . :

Orientador: Prof°. Me . André Soares Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Faculdades Integradas de Ponta Porã, 2016.

1. Arte rupestre 2. Cerro Akuá 3. Petroglifos. Ferreira, André Soares. II Faculdades Integradas de Ponta Porã. III. Título.

CDD:

MATHEUS HEIDERICH LOUREIRO ALMEIDA

VALORES ARTÍSTICOS, HISTÓRICOS E CULTURAIS DAS GRAVURAS RUPESTRES DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ PY.

Monografia apresentada à Banca Examinadora das Faculdades Magsul, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais, sob a orientação do Prof.º Me. André Soares Ferreira.

Data de aprovação: 09/12/2016
Local: Faculdades Magsul

Banca Examinadora:

_____

Orientador(a): Professor Mestre André Soares Ferreira.
Faculdades Magsul

_____

Membro: Professor Mndo. Genivaldo Antonio Alves
Faculdades Magsul

Dedico as páginas que se seguem neste trabalho, a todos aqueles que me orientaram, incentivaram, apoiaram e, principalmente, me ensinaram nesses últimos três anos, mãe, pai, irmã, professores, amigos e alunos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família por todo apoio e incentivo, tanto moral, quanto financeiro, ao longo desses três anos de graduação, mesmo com tantas dificuldades surgidas na minha trajetória acadêmica, sempre estiveram do meu lado me fortalecendo e ajudando a sobrepujar os obstáculos que apareceram nesse período de lutas e aprendizado.

Agradeço, também, à todos os professores, em especial Prof.ª Esp. Cristiane Francisca Leme, Prof.ª Esp. Mariluz Siqueira Rios, Prof. º. Mndo. Genivaldo Antonio Alves, que ensinaram, incentivaram e orientaram durante esses três anos de convívio, transmitindo tudo que sei sobre a área profissional em que escolhi atuar, além de abrirem diversas oportunidades para demonstrar meus trabalhos dentro das Faculdades Magsul e em diversas instituições de ensino das redes municipal e estadual de educação de Ponta Porã MS.

Agradeço ao meu orientador o Prof.º Me. André Soares Ferreira que, mesmo sem remuneração para orientar-me e com pouco tempo disponível, contribuiu diretamente com esse trabalho, realizando as correções, indicando bibliografias e sanando minhas dúvidas quanto a metodologia, escrita, normas, resultados e discussão.

Agradeço também aos queridos colegas Mauriléia Dias, Márcio Alan de Almeida, Edvan Villamayor e os familiares dos mesmos que, quando necessário, abriram as portas de suas residências e me forneceram abrigo para que eu pudesse concretizar todos os meu trabalhos, pesquisas, estágios e ações ligadas à graduação e construção desse TCC.

Não posso esquecer de agradecer também as Faculdades Magsul, à Escola Estadual Mendes Gonçalves e a Escola Municipal Profª Marly Cavalheiro Rojas, por terem aberto suas portas para que eu realizasse não apenas os estágios exigidos pela graduação, mas também aplicar projetos e ações que contribuíram para o aprendizado dos alunos dessas instituições.

Por fim, faço questão de agradecer à todos que indiretamente contribuíram de alguma forma, não só no desenvolvimento deste, mas também com todas as ações, projetos e trabalhos desenvolvidos ao longo desse três anos.

À todos, muito obrigado.

As pedras poderiam falar, mas não o fazem. Podemos questioná-las, indaga-las, contudo, não haverá respostas. Algumas pedras estão escritas, mas não são suas palavras e sim nossas (LASHERAS ET. AL, 2012, p.06)

ALMEIDA, Matheus Heiderich Loureiro. **Valores Artísticos, Históricos e Culturais Das Gravuras Rupestres Do Sítio Arqueológico Cerro Akuá PY.** 65 páginas. Trabalho de Conclusão Artes Visuais – Faculdades Magsul

RESUMO

As Artes rupestres representadas pelas pinturas presentes em diversos sítios arqueológicos do planeta, assim como as gravuras ou *petroglifos* encontrados em Cerro Akuá Py são, além de manifestações artísticas do homem pré-histórico, que marcam os primórdios da Arte, importantes ferramentas difusoras de informações históricas e culturais dos mesmos. A partir do registro, ilustração, dos levantamentos bibliográficos e análises histórica, comparativa e descritiva das gravuras rupestres do Sítio Arqueológico Cerro Akuá, buscou-se reunir dados sobre os valores artísticos, históricos e culturais das mesmas, a fim de resgatar e expor a história do homem pré-histórico da fronteira Brasil–Paraguai e suas artes registradas nas formações rochosas de Cerro Akuá. Tais informações são desconhecidas por grande parte da comunidade acadêmica e popular da fronteira Brasil-Paraguai nos municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero e estão se perdendo devido ações naturais do tempo e erosivas das rochas onde estão inscritas. Assim a importância da escolha do tema proposto aqui se justifica. Por trás do *petroglifos* de Cerro Akuá existe um povo, com sua história e seus traços culturais. Sabe-se que os registros foram realizados entre 4.500 e 2.500 anos atrás, tal fato empírico demonstra que a história da fronteira e sua arte vão muito além dos grande fatos históricos recentes e descritos e já conhecidos através dos livros de história sobre a região. Desta maneira, registrar e ilustrar visualmente as gravuras rupestres, assim como reunir informações sobre as mesmas, é de suma importância para ampliar e preservar o conhecimento sobre elas e garantir às futuras gerações da fronteira o encontro com os primórdios de sua história por meio da arte rupestre.

Palavras-chave: Petroglifos. Arte Rupestre. Cerro Akuá. Cultura. Fronteira.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - “De onde Viemos? Que somos? Para onde vamos? Paul Gauguin 13
Figura 02 – Raspador Plano Convexo 16
Figura 03 – Pré-História do pintor Zdenek Burian 17
Figura 04 – Linha de fronteira entre Pedro Juan Caballero Py e Ponta Porã BR 21
Figura 05 – Bisão Atacando um homem, arte rupestre do Paleolítico Superior 24
Figura 06 – Grafismos da arte primitiva africana, maio minúcia e delicadeza nos detalhes 28
Figura 07 – Arte pré-histórica, Paleolítico Superior 29
Figura 08 – Bisão de Altamira 30
Figura 09 – *Petroglifo* nas formações rochosas de Cerro Akuá PY 31
Figura 10 – Parque Nacional da Serra da Capivara 33
Figura 11 – Pintura Rupestre do Sítio Arqueológico do P.N. da Serra da Capivara 34
Figura 12– Pintura Monocrômica rupestre da região de Rio Negro MS 35
Figura 13 – Pintura Policrômica do Sítio Arqueológico em Alcinópolis MS 35
Figura 14 – *Petroglifo* (Gravuras) rupestres, tradição Geométrica Meridional, Alcinópolis MS 36
Figura 15 – *Petroglifos*, Sítio Arqueológico Cerro Akuá 38
Figura 16 – Gravura rupestre, signo tridáctilo, Cerro Akuá PY 40
Figura 17 – Imagem vetorizada de figura vulvar presente nas gravuras rupestres de Cerro Akuá 41
Figura 18 – Sítio Arqueológico Cerro Akuá 42
Figura 19 –Cerro Akuá 43
Figura 20 – *Petroglifos* de Cerro Akuá 43
Figura 21 – Vetorização das Gravuras através do software Corel Draw 47
Figura 22 – Abrigo do sítio arqueológico Cerro Akuá 51
Figura 23 – *Petroglifos* de Cerro Akuá, figuras geométricas com traços vulvares na composição 53
Figura 24 – Projétil de flecha de arenito silicificado, encontrado no córrego Machorra bacia do Apa MS 54
Figura 25 – Composições das gravuras de Cerro Akuá vetorizadas, formas geométricas tridáctilas e cupuliforme e vulvares compõe as características da Tradição Geométrica meridional 56

Figura 26 – Uma das gravuras encontradas e registradas em Cerro Akuá, lembrando a forma de um animal 57
Figura 27 – Símbolos Tridáctilos seta azul, cupuliforme e a presença de estruturas vulvares destacados com as setas em vermelhos, nas composições dos grafismos em Cerro Akuá. 57

LISTA DE ORGANOGRAMAS

Organograma 1 – Linha do tempo da história da fronteira Brasil-Paraguai.....52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....13

1 CULTURA E FRONTEIRA.....16
1.1 CULTURA.....16
1.2 ENDOCULTURAÇÃO E HIBRIDISMO CULTURAL.....18
1.3 ASPECTOS HISTÓRICO-CULTURAIS DA FRONTEIRA BRASIL-PARAGUAI 20
1.4 CULTURA NA PRÉ-HISTÓRIA.....23

2 ARTE, ARTE RUPESTRE E SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ.....24
2.1 ARTE PRÉ-HISTÓRICA E ARTE PRIMITIVA.....27
2.2 ARTE RUPESTRE.....29
2.3 ARTE RUPESTRE NO BRASIL E MATO GROSSO DO SUL.....33
2.4 SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS.....36
2.5 *PETROGLIFOS* TRADIÇÃO GEOMÉTRICA MERIDIONAL.....38

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....42
3.1 SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ E GRAVURAS RUPESTRES.....42
3.2 METODOLOGIA.....44
3.3 TÉCNICAS DE PESQUISA ADOTADAS.....45
3.4 COLETAS DE DADOS.....46
3.5 MÉTODOS DE ANÁLISE.....47
3.6 RECURSOS MATERIAIS.....48

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....50
4.1 A GÊNESE HISTÓRICA E CULTURAL DA FRONTEIRA BRASIL – PARAGUAI.....50
4.2 O ARTISTA NEOLÍTICO FRONTEIRIÇO E AS GRAVURAS RUPESTRES DE CERRO AKUÁ.....54

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....59

REFERÊNCIAS.....61

APÊNDICES.....63

ANEXOS.....67

INTRODUÇÃO

O curso de Artes Visuais das Faculdades Magsul tem como pergunta condutora “De onde viemos, que somos e para onde vamos enquanto profissionais de Artes Visuais na fronteira?” Tais questionamentos é o título da obra do pintor pós-impressionista Paul Gauguin realizada em 1887 (Figura 1). A obra propõem uma reflexão sobre as diferentes passagens da vida do ser humano ao longo de sua existência.

Figura 1: “De onde Viemos? Que somos? Para onde vamos? Paul Gauguin[1].

Fonte: Universia.[i]

Nossas origens, assim como aquilo “que somos” hoje, são frutos de inúmeros acontecimentos em diferentes períodos da história. Dessa forma a pergunta condutora do curso, e a reflexão que ela propõe, estão fortemente ligadas ao tema desse trabalho, a saber o “Resgate dos valores artístico, histórico e cultural da Arte pré-histórica da fronteira Brasil/Paraguai, através dos estudos realizados sobre as gravuras rupestres encontradas no sítio arqueológico Cerro Akuá-Py”.

O problema norteador desse trabalho pode ser sintetizado na pergunta: “quais os valores artístico, histórico e cultural das artes pré-históricas e, quais as técnicas e materiais empregados no desenvolvimento dessas manifestações visuais

[1] Óleo sobre tela.
Dimensões 139,1cm x 374,6cm.
Fonte: universia.com.br

que marcam a cultura e a história do povo que viveu na região de fronteira entre 4.500 e 2.500 anos atrás?”.

Levantar e compreender as informações culturais, históricas e artísticas existentes nos *Petroglifos* gravados nas rochas do sítio arqueológico Cerro Akuá, região de fronteira, é o objetivo deste. Compreendemos ser essencial tornar público, a fim de enriquecer o conhecimento sobre esse período remoto da história do homem pré-histórico fronteiriço, sua arte e seus traços culturais e, também da nossa história enquanto sujeitos habitantes da fronteira.

Após visitas ao sítio arqueológico Cerro Akuá PY em 2015, juntamente com os professores da rede Municipal de Educação do município de Ponta Porã MS, e o contato visual com as gravuras rupestres, foi constatada uma escassez nas informações e estudos acadêmicos realizados por profissionais da região de fronteira em relação ao sítio e as obras de arte rudimentares presentes nele, assim como muitas dessas artes pré-históricas já se encontravam em estado de vestígio, ou seja, deterioradas devido as ações naturais do tempo. Justificando a importância de registrar essas obras do neolítico antes que se percam completamente.

Ao tratar dos valores enunciados no título e tema, todo o referencial teórico exposto no capítulo 2 é voltado para os conceitos sobre cultura e fronteira, assim como algumas de suas particularidades como, endoculturação, hibridismo cultural, linha de fronteira, faixa de fronteira e cultura na pré-história, para assim compreender o que caracteriza a região fronteiriça não só em seu aspecto territorial, mas também histórico e cultural.

Em relação ao valor artístico dessas manifestações visuais da pré-história, foram apresentados no capítulo 3 os conceitos sobre Arte, sua história, as diferenças entre Arte pré-histórica e Arte primitiva, as Artes rupestres no Brasil, no estado de Mato Grosso do Sul, a definição de sítios arqueológicos e as características dos *Petroglifos* da tradição geométrica meridional.

As informações apresentadas ao longo de todo referencial teórico resultantes do levantamento bibliográfico e as informações obtidas e registradas diretamente na área de estudo, foram analisadas de forma descritiva, histórica e comparativa. Nos resultados foram expostos os traços culturais e informações históricas sobre o homem neolítico, as técnicas empregadas para o desenvolvimento de sua arte e, as semelhanças dessas com manifestações visuais presentes em outros sítios

arqueológicos de Mato Grosso do Sul, permitindo assim classificar as manifestações rupestres de Cerro Akuá e descrever seus aspectos físicos e simbólicos.

Cabe ressaltar que o homem pré-histórico da fronteira já apresentava algumas características próprias do artista, embora seu tempo histórico e social tenha lhe imposto limitações em relação a instrumento e matérias primas, ele conseguiu registrar e representar sua história e sua cultura através da arte. O homem pré-histórico, por meio da capacidade humana de transformar o meio ao seu favor, gravou nas paredes do Cerro Akuá mensagens que chegaram até nós e possuem valor artístico cultural ímpar. Todavia este trabalho é apenas o início da busca de entender essas expressões artísticas e culturais, pois não é possível esgotarmos o tema numa monografia. Assim, estamos dando o primeiro passo de uma grande jornada.

1– CULTURA E FRONTEIRA.

1.1. Cultura.

> “A cultura, mais do que uma herança genética, determina o comportamento do homem e justifica suas realizações” (LARAIA, 2014, p. 48).

Trata-se como cultura, apesar dos inúmeros conceitos construídos ao longo da história, todo o tipo de manifestação ou intervenção humana que não se enquadra àquilo considerado natural. Surge com o homem, assim que este passa a transformar elementos do seu ambiente em artefatos de uso geral ou religioso.

Quando o homem pré-histórico[2] passou a criar ferramentas de rochas (Figura 2) para caçar, usar peles de animais para compor suas vestimentas, registrar seu cotidiano e religiosidade nas paredes das cavernas e abrigos, começou a produzir cultura e a registrar, mesmo que inconscientemente, sua história.

Figura 2: Raspador Plano Convexo

Fonte: Martins e Kashimoto (2014)

A cultura é aquilo que, em sentido social (Figura 3), nos diferencia do restante dos animais e nos confere a racionalidade. O homem é um ser cultural e seu comportamento não é determinado apenas biologicamente (LARAIA 2014). Trata-se,

[2] Pré-Histórico, considerado o período que abrange desde a origem do homem até o surgimento da escrita.

também, de um processo acumulativo de conhecimento, este por sua vez, construído por inúmeras gerações ao longo do tempo, ou seja, resulta da experiência histórica ao longo da existência humana. Sobre o homem como ser cultural, Vannuchi (2002, p.21) frisa que "o ser humano [...] é também e, principalmente, um agente de cultura, ainda que, muitas, vezes, não se tenha consciência disso [...] agente cultural da atividade incessante, seja caçando para matar a fome, seja recorrendo à divindades em oração".

Figura 3: Pré-História do pintor Zdenek Burian

Fonte: alunosonline[3]

Para Marconi e Presotto (2007) a cultura consiste em um conjunto de ideias, normas, crenças, técnicas, abstrações, artefatos, valores, comportamentos e rituais compartilhados por indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social. Edward Tylor citado por Laraia (2014, p.25) reforça: "No vocábulo inglês *culture*, que, tomado em seu amplo sentido etnográfico, é este todo o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". Já Vannuchi (2002) discorre sobre o conceito de cultura da seguinte forma:

> Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza [...] toda ação humana na natureza e com a natureza é cultura [...] o mar é natureza, mas a navegação é cultura, em resumo, tudo que é produzido pelo homem é cultura. (VANNUCHI, 2002, p.23)

[3] **Disponível em:** ***alunosonline.uol.com.br/historia Acesso em: 26/11/2016***

A cultura é uma construção histórica. Ela não é imutável e sofre transformações através dos anos, seja internamente ou sob influências de outras culturas em um processo anteriormente conhecido como aculturação (MARCONI e PRESOTTO, 2007). Contudo devido à divergências de vários estudiosos em relação a terminologia, o termo mais aceito e utilizado atualmente é hibridismo cultural.

Deve-se frisar que a comunicação é um processo cultural e fator determinante para que haja sucesso na construção ou origem de uma cultura. Laraia (2014, p.52) afirma: “não existiria cultura se o homem não tivesse a possibilidade de desenvolver um sistema articulado de comunicação oral”, assim, é através da capacidade humana de comunicar-se de forma articulada que o conhecimento pode ser repassado às futuras gerações, preservando assim sua história e a continuidade da cultura de um povo.

1.2 – Endoculturação e Hibridismo Cultural.

O comportamento dos indivíduos que compõe um grupo social, assim como a perpetuação da sua cultura vai depender de um processo de aprendizado denominado endoculturação (LARAIA, 2014). Os indivíduos agem de forma diferente uns dos outros, não por uma questão biológica, mas sim devido à uma educação diferenciada de acordo com a cultura em que estão inseridos.

A terminologia *endo* tem como significado interno ou interior e *culturação* refere-se à capacidade de aprender. Assim, endoculturação é um processo de aprendizado permanente do indivíduo que, através da mesma, apreende e assimila de forma consciente e inconsciente os valores, conhecimentos e traços característicos da cultura do grupo social em que está inserido.

No momento em que o homem adquire e passa a produzir cultura, ou seja, torna-se um agente cultural (VANNUCHI 2002), começa a depender muito mais do aprendizado, conforme Laraia (2014), a endoculturação ou processo de aprendizagem do homem, irá determinar o comportamento e as capacidades artísticas ou profissionais de um indivíduo.

Esse aprendizado torna-se primordial para o ser humano enquanto sujeito cultural, tal importância dá-se ao fato que, além de garantir a perpetuação da cultura entre diferentes gerações de um povo ou civilização, possibilita o registro da história desses povos e a preservação dos conhecimentos sobre eles às gerações posteriores. O homem é capaz de produzir ideias, retê-las, comunica-las e transmiti-las à outros indivíduos (LARAIA 2014). Assim, durante o feudalismo, por exemplo, um hábil artesão transmitia aos filhos as técnicas, o conhecimento e os materiais utilizados na sua profissão, ou ainda, o próprio homem pré-histórico que ensinava sua prole as técnicas usadas na confecção de vestimentas ou na caça para garantir alimento.

A capacidade de aprendizado do ser humano foi e é, sem dúvida, sumariamente importante para garantir não só o registro histórico sobre a linha do tempo da história humana, mas também para preservá-los e transmiti-los no presente e futuro.

A cultura não é imutável, ela se transforma a medida que interage com outras culturas. Os encontros culturais que ocorrem dessas interações desencadeiam uma “mistura” e dessa, surge uma cultura nova, de caráter hibrido. Esse processo é denominado Hibridismo cultural (BURKE, 2003).

Burke (2003, p.31) afirma que “devemos ver as formas híbridas como resultado de encontros múltiplos, e não como resultado de um único encontro, quer encontros sucessivos adicionem novos elementos a mistura, quer reforcem antigos elementos”, assim dentro de uma cultura híbrida, as trocas culturais entre povos distintos, que a originaram, tanto podem transformá-la, adicionando novos traços, ou reforçar tradições e costumes desses povos.

Dentro dessa interação cultural, cada indivíduo pode reagir de diferentes maneiras às trocas culturais. Pode haver aceitação, quando há um convívio equilibrado e as trocas são aceitadas no encontro entre duas culturas distintas, ou rejeição, quando o processo reforça valores ligados a tradição e a não aceitação dos novos elementos introduzidos por outra cultura (BURKE, 2003).

Assim, compreender a endoculturação ou processo permanente de aprendizado no indivíduo como uma importante ferramenta de perpetuação cultural,

assim como o hibridismo cultural e o que caracteriza uma cultura hibrida, permitirá o entendimento dos aspectos históricos e culturais da fronteira. Tratados no próximo subitem.

1.3 - Aspectos Histórico-culturais da Fronteira Brasil-Paraguai.

O conceito de fronteira pode ser compreendido a partir de duas representações. Primeiro como, linha imaginária (natural ou artificial) ou limite que divide duas nações seguindo os acordos internacionais estabelecidos (BORBA, 2013). O segundo sentido atribuído ao conceito de fronteira é o de faixa de fronteira, ou seja, a área que estende-se por até 150 km além do limite. Assim a primeira representação é mais estática, enquanto a segunda é mais ampla e permeável, pois nos leva a referir-se a fronteira como uma região. A fronteira, portanto, é o limite que marca o território entre duas nações. Este por sua vez, caracteriza-se por abranger um território, povo e governo (BORBA 2013).

Importante expor que a vida, assim como a cultura, na região tida como fronteiriça é multiforme. A fronteira, além de física e territorial, pode também ser cultural e simbólica, no qual acontecem relações de trocas culturais, econômicas, políticas e sociais, contudo, apesar dessa interação entre sujeitos fronteiriços de nações divergentes, os preconceitos, conflitos e rusgas são constantes, mesmo que pouco evidenciadas no cotidiano dos envolvidos (OLIVEIRA 2005).

A região de fronteira entre Brasil e Paraguai, onde se encontram os munícipios de Ponta Porã-BR e Pedro Juan Caballero-PY (Figura 4), apresenta uma cultura bastante heterogênea, tendo como matizes as culturas indígenas e hispânicas (Paraguai), portuguesas, africanas e indígenas (Brasil). Com o passar dos anos a cultura da localidade sofreu transformações devido aos novos traços culturais, árabes, asiáticos e europeus, trazidos pelas correntes migratórias. Nota-se assim, as características de uma região de cultura hibrida. É na fronteira que as trocas culturais e o hibridismo cultural derivado dos múltiplos encontros entre dois povos distintos, ocorrem com mais facilidade (BURKE, 2003).

Figura 4: Linha de fronteira entre Pedro Juan Caballero Py e Ponta Porã BR

Fonte: culturadafronteira[4]

A cultura da região é marcada e influenciada pelos fatos históricos ocorridos na localidade, é comum percebermos a presença de figuras e artefatos alusivos ao contexto histórico da extração da erva mate na região, assim como a guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança. Muitos dos sujeitos fronteiriços possuem dupla nacionalidade, tanto a brasileira quanto a paraguaia.

Martins (1996) afirma que a realidade de fronteira representa uma realidade singular. Na fronteira é notável a situação de conflito social. Ao término da Grande Guerra entre Paraguai e a Tríplice Aliança em 1870, a região ainda era pouco ocupada, havendo apenas tribos indígenas e algumas ligas camponesas, as atividades voltadas a extração da Erva Mate contribuíram para o aumento de pessoas e comunidades na região e a partir de 1943, durante o governo Vargas a frente pioneira[5], incentivada pelos movimentos de ocupação do interior do Brasil, (GRESSLER et. Al, 2011) instalaram-se na área compreendida dentro da faixa de fronteira, com o intuito de impedir que os limites que dividem os territórios de Brasil e Paraguai fossem ultrapassados, possibilitando assim as configurações atuais dos municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero. As questões de identidades – diferença entre brasileiros e paraguaios são estabelecidas com o fim da guerra entre as nações. A fronteira para Martins (1996) caracteriza-se como um lugar de encontro de alteridades, no qual, apesar da convivência pacífica entre povos distintos e trocas

---

[4] *Disponível em:* culturadafronteira.org.br/fronteiralinha Acesso em: 18/10/2016

[5] Os pioneiros avançam sobre determinada região com a ideia de que ela é atrasada, não civilizada, barbara. (MARTINS 1996)

culturais entre eles, o contraste cultural, histórico, social e político entre os sujeitos é evidente, tornando-a um local de encontros e desencontros, assim como de descobertas e trocas entre os sujeitos fronteiriços de ambas nacionalidades.

> O conflito faz com que a fronteira seja essencialmente, a um só tempo, um lugar de descoberta do outro e de desencontro. Não só o desencontro e o conflito decorrentes das diferentes concepções de vida e visões de mundo de cada um desses grupos humanos. O desencontro na fronteira é o desencontro de temporalidades históricas, pois cada um desses grupos está situado diversamente no tempo da história. (MARTINS, 1996, p. 27)

Os desencontros entre os sujeitos fronteiriços são observados nas atitudes xenófobas e nas rusgas entre eles que são provenientes das diferentes concepções dos povos em relação ao contexto histórico e político durante a Grande Guerra entre Tríplice Aliança e o Paraguai. O sujeito brasileiro muitas vezes sente-se ofendido quando a ele se referem como paraguaio e o mesmo acontece em situação oposta. Já no que se refere à “descoberta” (MARTINS, 1996, p.27), uso como exemplo o caso dos brasileiros ou paraguaios que ao adentrarem no território do “outro”, descobrem similitudes, interagem culturalmente e criam vínculos familiares e profissionais, transformando o desencontro em descoberta, encontro e trocas entre os sujeitos da fronteira Brasil/Paraguai.

O processo de hibridização cultural foi constante nos munícipios em torno da linha de fronteira. Inicialmente as matizes eram indígenas, portuguesas, africanas e hispânicas, com o passar dos anos traços da cultura árabe e oriental ganharam espaço no cotidiano fronteiriço, esse múltiplos encontros entre diferentes culturas, e as trocas entre elas, resultou na cultura híbrida observada na fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

Na área compreendida por faixa de fronteira existem registros do homem do neolítico que viveu na região há 4.000 anos atrás. Assim, a história e a cultura da região fronteiriça entre os municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero vão muito além de fatos importantes como a grande guerra e a corrida da erva mate na região. A história e cultura daqui é muito mais ampla e rica do que é imaginado por um grande número de indivíduos que vivem na sociedade fronteiriça.

1.4 - Cultura na Pré-história.

É comum observarmos pessoas leigas afirmando que os homens que viveram na Terra antes do surgimento da escrita eram desprovidos de cultura e conhecimento. Primeiro, quando falamos sobre, devemos lembrar que, de fato o homem pré-histórico não tinha os conhecimentos empíricos acumulados ao longo da nossa história e que resultou no conhecimento existente na contemporaneidade, contudo, isso não significa que eles eram desprovidos de saberes. Outra questão é, cultura não se limita ao saber empírico, muito pelo contrário, ela se compõe de conhecimentos tidos como populares, costumes, crenças e artefatos (MARCONI; PRESOTTO 2007).

O homem pré-histórico também era cultural. Isso fica evidente quando notamos que a partir de rochas lascadas ou polidas, ossos, madeira e o que mais a natureza pudesse oferecer, o homem pré-histórico confeccionou facas, machados, raspadores, lanças, flechas e trituradores para garantir seu alimento e facilitar suas ações cotidianas, mais do que isso, produziu vestimentas a partir das peles de origem animal, usou o barro para elaborar panelas e jarros, usou cavernas como abrigo, passou a construir habitações no período neolítico e praticou suas crenças, e religiosidade nas formações rochosas das cavernas.

Sendo assim, hoje, através das inscrições deixadas pelo homem da pré-história nas rochas, suas esculturas, cerâmicas e outros vestígios, podemos identificar aspectos culturais do homem pré-histórico fronteiriço que, mesmo de forma não intencional, deixou registrada através das artes rudimentares sua história, cotidiano, crenças e saberes e, através destas, podemos entender os primórdios do homem como agente cultural.

2 – ARTE, ARTE RUPESTRE E SÍTIO ARQUEOLÓGICO CERRO AKUÁ.

> *Nossos mais primitivos ancestrais começaram a andar na terra, sobre dois pés, há cerca de dois milhões de anos, mas só por volta de seiscentos mil anos atrás, é que encontramos os primeiros indícios do homem como fabricante de utensílios e artefatos (JANSON, 1996, p.14*).

Há 35.000 anos atrás, durante os últimos estágios do período Paleolítico[6], encontramos as primeiras obras de arte conhecidas criadas pelo homem durante a pré-história (JANSON, 1996), (Figura 5). Naquele momento o homem passou a produzir ferramentas e utensílios para facilitar suas ações cotidianas, ou seja, passou a produzir e interagir com a cultura do seu contexto. Começou assim a associar forma à função, nessa conjuntura, juntamente com as novas atividades exercidas, surge a arte. A partir daí, conforme os diferentes períodos da história da humanidade, a arte foi se desenvolvendo e sendo aprimorada constantemente, tanto no aspecto técnico e simbólico, quanto nos materiais empregados e utilizados no desenvolvimentos das diferentes artes que conhecemos hoje.

Figura 5: Bisão Atacando um homem, arte rupestre do Paleolítico Superior

Fonte: auladearte [7]

A arte nasceu com o aparecimento da humanidade. Ela é uma manifestação exclusivamente humana, um traço da nossa cultura, cuja origem deu-se na intensa necessidade criativa do homem (PINTO 1955). Através da arte o homem pré-histórico passou a expor suas crenças, histórias e seu cotidiano.

---

[6] Também conhecido como idade da Pedra Lascada, teve início à cerca de 2 milhões de anos atrás, e perdurou até cerca de 10.000 anos atrás (JANSON, 1996).

[7] Disponível em: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/paleolitico Acesso em: 14/09/2016

Em seus primórdios, a arte, teve uma relação de imitação com a natureza conforme passagem de Aristóteles citada por Chauí (2006), isso fica evidente quando identificamos animais retratados na arte pré-histórica dos nossos antepassados, bisontes, preguiças gigantes, aves e diferentes animais da fauna do período estão retratadas nas mais diversas cavernas e abrigos espalhados pelo mundo.

> A primeira e mais antiga relação entre arte e natureza proposta pela Filosofia foi a da imitação: “a arte imita a Natureza”, escreve Aristóteles. A obra de arte resulta da atividade do artista para imitar outros seres por meio de sons, sentimentos, cores, formas, volumes, etc., e o valor da obra decorre da habilidade do artista para encontrar materiais e formas adequados para obter o efeito imitativo. (CHAUÍ, 2006, p.283)

Deve-se destacar que a religião e o trabalho, duas das primeiras manifestações humanas, foram de suma importância para o surgimento da arte (CHAUÌ 2006). A religião no sentido de conferir um aspecto peculiar ao objeto ou obra: a *aura.* Esta confere singularidade, originalidade, unicidade e autenticidade ao objeto artístico. O trabalho abrange os aspectos técnicos de como fazer e os materiais utilizados nas obras de arte.

A palavra arte deriva-se do latim *ars* – fazer ou criar – e do grego *techné* (técnica), significando aquilo que está ordenado ou toda espécie de atividades humanas submetidas à normas e regras (CHAUÍ 2006). Não podemos atribuir uma definição clara e lógica ao conceito do que é ou não considerado arte. Quanto aos instrumentos culturais que vão conferir o caráter de arte à um objeto evidenciamos os museus, curadores de arte, historiadores e especialistas na área que, através de analises, estudos e comparações, irão julgar se uma obra ou objeto artístico é ou não arte.

> Nossa cultura prevê instrumentos que determinarão, por nós, o que é ou não arte [...] o estatuto da arte não parte de uma definição abstrata, lógica ou teórica, do conceito, mas de atribuições feitas por instrumentos da nossa cultura” (COLI, 1989, p.11).

O contexto histórico que envolve uma obra ou objeto pode resultar na sua conceituação como arte. Um grande exemplo são as artes rupestres realizadas pelo homem antes do surgimento da escrita, mas se não há a beleza da técnica renascentista, ou o sentido profundo da arte do realismo, como definir manifestações

do artista pré-histórico como Arte? A história e os valores culturais que trazem em si é que lhe deram tal valor.

Artes rupestres da pré-história muitas vezes são ignoradas ou desconhecidas pela população devido a desinformação sobre a sua importância para a construção histórica, em relação a cultura e a arte do homem. É o que acontece na região de fronteira, entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero em relação as gravuras rupestres de Cerro Akuá e resultou na problemática que possibilitou a construção desse trabalho. “Quais os valores artístico, histórico e cultural das artes pré-históricas e, quais as técnicas e materiais empregados no desenvolvimento dessas manifestações visuais que marcam a cultura e a história do povo que viveu na região de fronteira entre 4.000 e 2.000 anos atrás?”.

Pinto (1955, p. 15) expõe que a “arte é um fato puramente real, interpretado como representação do belo”, o homem tem a capacidade de criar, e muitas vezes, suas criações podem causar sensações agradáveis e contemplativas aos seus semelhantes. A arte pode ser concebida como uma criação plástica, simbólica e visual ou como criação literária, abrangendo o uso de expressões escritas e orais.

A Arte sempre transmite algo simbólico, na pré-história transmitia os comportamentos da comunidade em relação as ações cotidianas como a caça, sua religiosidade e crenças. Durante a antiguidade, na Grécia e em Roma, a arte tinha seu valor nas obras arquitetônicas e esculturas que enalteciam a perfeição e a beleza, destacando sua mitologia, seu heróis e divindades. No Barroco, expressou os ideais da contrarreforma católica em oposição a reforma protestante, as imagens sacras são os temas preferidos dos artistas. No Realismo, os artistas buscavam expressar a realidade de um trabalhador ou agricultor tal como era, tanto explicita quanto implicitamente.

Uma obra rejeitada como arte em um período artístico do passado, pode ser aceito como tal em um movimento artístico posterior, tal passagem de Coli (1989, p.21) reforça a ideia exposta:

> Grandes movimentos da história da arte, conheceram trajetórias de forte oscilação entre o interesse e o desprezo [...] São tantas as flutuações no tempo dos vários juízos sobre as artes, tantos os meandros traçados [...] pelos julgamentos da posterioridade, que não sabemos mais a que nos ater.

Arte possui características diferentes de acordo com o seu contexto histórico, assim como aquele ponto não palpável, que vai além do explícito, que traz nele as marcas de um período na história humana, assim como do artista que a criou. Vale ressaltar que, assim como acontece com os conceitos sobre cultura, o conceito sobre o caráter de arte em um objeto vai se alterando ao longo da história.

2.1 - Arte pré-Histórica e Arte Primitiva

Ao desenvolvermos um estudo sobre a arte pré-histórica, temos que deixar patente que essa não é sinônima de arte primitiva (PINTO, 1955, p.22). A forma mais antiga de uma arte primitiva não é igual à uma arte executada pelo homem primitivo. Primitivo era como os colonizadores referiam-se aos nativos da américa que aqui estavam antes de sua chegada (PINTO, 1955). Assim, toda manifestação artística que não sofreu influência europeia durante e após a colonização imposta por eles, era considerada primitiva. Contrapartida, o termo pré-histórico refere-se à um período ainda mais longínquo, que antecede a invenção da escrita.

Segundo Pinto (1955, p.29) “A arte primitiva é uma evolução da Arte pré-histórica e, apesar de haver bastante afinidade entre uma e outra, há, no entanto, características próprias para cada qual”, em ambas o sentido de belo esteve ligado a religiosidade e a imitação é quase uma característica. Contudo, o fator técnica é um aspecto de suma importância para diferenciarmos uma da outra, pois enquanto na arte tida como primitiva (Figura 6) notamos uma preocupação e minúcia maior em relação aos detalhes nas manifestações visuais do homem primitivo, as obras pré-históricas não apresentavam delicadeza nos detalhes de suas composições.

É categorizado como pré-histórico toda manifestação humana realizada antes do surgimento da escrita (4.000 anos atrás). No Paleolítico Superior (35.000 a.C) encontramos as primeiras manifestações visuais realizadas pelo homem (JANSON, 1996). Tais obras eram realizadas sobre as formações rochosas das cavernas utilizando pigmentos naturais (vegetais, animais e minerais) e resinas de origem vegetal e animal para elaborar as tintas.

Durante o período Paleolítico o homem tinha como característica o nomadismo. Os grupos humanos eram caçadores, coletores e abrigavam-se em abrigos rochosos, mas mudavam constantemente sua localização em busca de

alimentos e recursos climáticos mais favoráveis à sua sobrevivência (JANSON, 1996).

A partir do período Neolítico o homem passa a adquirir características sedentárias, deixa de modificar sua localização constantemente e insere a agricultura como forma de obter alimentos. A cerâmica passa a ser desenvolvida, as pinturas sofrem um pequeno avanço no aspecto estético e a arquitetura começa a surgir, pois o sujeito do Neolítico passa a utilizar caverna e abrigos não mais como lar, mas sim como templos de culto às suas divindades.

A arte realizada durante a pré-história (Figura 7) trazia em sua composição a figura de animais do período, cenas do cotidiano dos povos e traços alusivos a fertilidade feminina, composições geométricas dispersas ou distribuídas aleatoriamente. Tais manifestações do período demonstram que uma consciência de um poder criador havia surgido e, a partir dela, conforme frisa Pinto (1955, p.22) “a sociedade pode pensar em utilizá-la como objetos mágicos e religiosos”, ou seja, a partir do momento em que o homem pré-histórico passa a criar utensílios e obras de arte rudimentares, direcionam suas obras à religiosidade, crenças e ritos.

Figura 6: Grafismos da arte primitiva africana, maio minúcia e delicadeza nos detalhes.

Fonte: auladearte

Figura 7: Arte pré-histórica, Paleolítico Superior

Fonte: http: auladearte[8]

O artista pré-histórico lutou para descobrir materiais que foram empregados no desenvolvimento de suas manifestações visuais. O artista primitivo além de contar com os materiais usados na arte pré-histórica, aprimorou técnicas e escolheu novos materiais que melhor se adequassem aos valores que procuravam transmitir através de sua arte. Pinto (1955, p. 59) expõe que “nessa escolha já está uma qualidade do artista, em saber selecionar aquilo que vai utilizar na construção de suas obras”.

As manifestações artísticas realizadas pelo homem pré-histórico, assim como pelo homem primitivo ou Pré-Cabralino[9], no Brasil, (PINTO, 1955), nas formações rochosas das cavernas e abrigos espalhados nas mais diversas regiões do planeta, são denominados artes rupestres, tais obras são primordiais para o entendimento da origem, não só da arte, mas também sobre a cultura e a história dos povos que caminharam sobre a terra muito antes do surgimento da escrita e das grandes civilizações da antiguidade.

2.2 - Arte Rupestre.

> *As pedras poderiam falar, mas não o fazem. Podemos questioná-las, indaga-las, contudo, não haverá respostas. Algumas pedras estão escritas, mas não são suas palavras e sim nossas (LASHERAS ET. AL, 2012, p.06).*

---

[8] Disponíveis em: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/paleolitico Acesso em: 19/10/2016
[9] Termo referente aos sujeitos, artefatos e manifestações visuais desenvolvido no Brasil antes da chegada de Cabral em terras brasileiras conforme (PINTO, 1955)

Artes rupestres são as manifestações artísticas mais antigas da humanidade. Elas eram recursos visuais utilizados por povos pré-históricos para registro de suas ações histórias, crenças e cultura. “Arte rupestre é a manifestação estética contemporânea da caverna [...] a expressão artística do homem pré-histórico” (PINTO,1955, p.137). Seus primeiros indícios datam do período Paleolítico Superior entre 35.000 e 30.000 anos atrás (JANSON 1996).

A artes rupestres são classificadas em dois grupos; os *pictoglifos* (Figura 8) - representado pelas pinturas - e os *petroglifos* ou gravuras (Figura 9). As pinturas rupestres eram produzidas sobre as formações rochosas das cavernas ou abrigos, a partir de minerais e resinas orgânicas provenientes da natureza. Para pintar, o homem pré-histórico utilizava pincéis artesanais e as próprias mãos. As tintas eram produzidas através da mistura de pigmentos minerais – Óxido de ferro[10] para obter tons avermelhados; *Goetita*[11] as tonalidades amareladas e *Kaolinita* [12]para confecção de tonalidades brancas (AGUIAR 2012) – e óleos e gorduras animais e vegetais como aglutinante. Tais pinturas são classificadas em policrômicas quando apresentam mais de uma cor em sua composição e monocrômicas quando há apenas a variação de uma única tonalidade (AGUIAR, 2012).

Figura 8: Bisão de Altamira.

Fonte: auladearte[13]

[10] Pigmento de tom avermelhado derivado do processo de oxidação do ferro;
[11] Mineral de diferentes tonalidades, amarelo, laranjando, formado na natureza através da oxidação de metais;
[12] Mineral, muitas vezes argiloso de tonalidade branca.
[13] Disponível em: http://www.auladearte.com.br/historia_da_arte/paleolitico Acesso em:24/11/2016

Figura 9: Petroglifo nas formações rochosas de Cerro Akuá PY

Fonte: Matheus Heiderich

As gravuras rupestres eram realizadas com objetos pontiagudos de pedra (lâminas, raspadores e pontas de flecha) friccionados sobre as formações rochosas. Sua classificação vai depender da forma como foi executada, se a técnica empregada for a percussão são classificadas como picoteadas, no caso dos grafismos obtidos por fricção e atrito, são denominadas polidas (AGUIAR 2012).

Essas manifestações visuais rudimentares possuíam diferentes sentidos, tais como registro e difusão de informações, a esse respeito Aguiar (2012, p.12), que descreve:

> Tratamos de registrar, de alguma maneira, todas as experiências de nossa vida, seja no dia-a-dia, ou nas ocasiões mais representativas [...] O homem da pré-história também efetuava um registro de suas experiências [...] Esse registro era feito pela arte rupestre, desenhos pintados e gravados nas paredes das cavernas e abrigos.

Os registros oriundos da pré-história retratavam as crenças e costumes dos povos do período. Geralmente os registros apresentam em sua composição figuras humanas durante a caça ou em atos de reprodução, mãos em negativos e positivo, animais tidos pela Antropologia como totêmicos[14] e composições geométricas. A arte rupestre tinha uma função mística, onde os animais caçados estabeleciam uma conexão com os animais representados nas pinturas, “animais caçados antes no desenho, para depois serem capturados de forma física” (AGUIAR ET AL. 2012).

[14] Na Antropologia Animais Totêmicos se referem ao sagrado, divindades muitas vezes representadas por figuras de animais (AGUIAR 2012), assim como os deuses egípcios.

Na concepção do homem pré-histórico todos os fenômenos naturais, os animais e o homem eram regidos por entidades divinas ou espíritos. Sobre o simbolismo das artes rupestres do período Paleolítico, Janson (1996, p.15) discorre:

> Não há dúvida de que faziam parte de um ritual mágico cujo propósito era de assegurar uma caça bem-sucedida [...] para o homem do paleolítico não havia uma distinção muito nítida entre imagem e realidade; ao retratarem um animal, pretendiam fazer com que ele fosse também trazido ao seu alcance.

Essas artes rudimentares possuíam um valor estético em um sentido filosófico. Pinto (1955) considerava os artistas da pré-história como os filósofos da estética:

> Os poderes sobrenaturais fizeram os artistas pré-históricos, filósofos da expressão estética, abandonarem a visão da realidade [...] O drama íntimo, a luta entre o bem e o mal e tantas outras coisas, frutos de uma crença, foram fontes inspiradoras para as obras de arte [...] ricas em uma filosofia própria daquela época pré-histórica. (PINTO, 1955, p.31)

O artista do período pré-histórico refletia sobre o meio físico em que se encontrava, sobre o mundo ao seu redor e pensava em ações que facilitassem sua vida e garantissem sua sobrevivência nos momentos de dificuldade. Diferente dos artistas contemporâneos que possuem a comodidade de achar seus materiais em prateleiras nas lojas e ateliês, o homem pré-histórico precisou refletir, pensar e descobrir os materiais nos quais pudesse expressar nas superfícies rochosas das cavernas, mais do que sua religiosidade, também sua forma de ver o mundo em que estava inserido.

Diferente das manifestações artísticas mais recentes, as artes rupestres possuíam um fator subjetivo que a caracterizava, tanto na sua execução quanto no seu sentido simbólico e estético. O fator mencionado representa um estado de "pureza expressado pela naturalidade do artista pré-histórico" (PINTO, 1955, p.63), sua ingenuidade[15] é o ponto subjetivo e a aura que envolve essa manifestação artística de tempos remotos.

A arte rupestre não se resume apenas a obras artísticas, mas também são ferramentas de difusão de informações históricas e culturais de um período muito

---

[15] Conforme Pinto (1955) A ingenuidade é o fator subjetivo que caracteriza a arte pré-histórica e primitiva. Sendo um "Estado de pureza' expressado pela naturalidade do artista pré-histórico, assim como do primitivo.

antigo na linha do tempo da história humana. Assim, “[...] cores, motivos pintados ou gravuras e maneiras de desenhar são informações importantes que nos ajudam a interpretar o pensamento e costumes do homem pré-histórico” (AGUIAR et al. 2012, pág. 28).

2.3 - Arte Rupestre No Brasil e Mato Grosso do Sul

Antes da chegada dos portugueses ao Brasil “as terras brasileiras eram habitadas por povos caçadores coletores de um passado muito distante, a pré-história” (AGUIAR ET.AL, 2012, p.07). Tais povos deixaram registrados nas cavernas e abrigos do país manifestações visuais que possibilitaram a construção de saberes sobre as populações que aqui instalaram-se em um passado remoto.

No território brasileiro estão espalhados diversos sítios arqueológicos com artes rupestres. Existem sítios conhecidos nos estados da Bahia, Tocantins, São Paulo, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Amazonas, porém, o mais conhecido está localizado no Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí (Figura 10).

Figura 10: Parque Nacional da Serra da Capivara

Fonte: icmbio[16]

No Brasil os desenhos rudimentares, de épocas distintas, sugerem rituais, cenas de sexo, animais da fauna (Figura 11), cenas de luta ou até mesmo

[16] Disponível em; www.brasil.gov.br/ icmbio Acesso em: 20/09/2016

representações geométricas. As pinturas e gravuras realizadas pelo homem pré-histórico no Brasil são classificadas de acordo com as tradições arqueológicas[17].

Figura 11: Pintura Rupestre do Sítio Arqueológico do P.N. da Serra da Capivara

Fonte: icmbio

Os primeiros povos que habitaram o centro-oeste do Brasil foram os caçadores coletores que, na região, instalaram-se entre 12.000 e 10.000 anos atrás. Aqui no estado, os primeiros habitantes chegaram após acontecer uma estabilização climática ou ótimo climático.

> Os primeiros grupos humanos chegaram às terras onde hoje está Mato Grosso do Sul no final do Pleistoceno [...] entre 8 mil e 6 mil anos atrás começa o período de estabilização climática, até chegar as características de clima atuais. Foi a partir desse período denominado ótimo climático, que se intensificou a ocupação humana na região. (AGUIAR, 2012, p.34)

A partir dessa mudança no clima, uma diversidade ecológica composta por inúmeros biomas, o surgimento de diferentes ambientes, deram origem a uma rica variedade biológica (AGUIAR 2012). Isso gerou as condições necessárias para que em nosso atual estado assentassem grupos humanos durante a pré-história. Esses povos que aqui habitaram deixaram, através de artes rudimentares, sua história e seus traços culturais nos diferentes sítios arqueológicos existentes na região.

O estado de Mato Grosso do Sul abriga diversos sítios arqueológicos ao longo do seu território. Todos eles com vasto acervo de artes rupestres, tanto pinturas quanto gravuras. As manifestações visuais aparecem nas chaves de classificações ou tradições registrados em outros pontos do Brasil, como as

[17] Prous (1992) e Aguiar (2012) expõe Tradições arqueológicas como chaves de classificação de determinados estilos de arte rupestre.

denominadas “Nordeste, Agreste, Planalto e Geométrica Meridional” (AGUIAR, 2012, p.36)

Dos principais sítios de arte rupestre do estado destacam-se os localizados nos municípios de Corguinho, Rio Negro – nesses existe a predominância dos motivos monocrômicos, apresentando na composição figuras de animais caçados e elementos da fauna são constantes (Figura 12) - e Alcinópolis, que apresenta o maior conjunto de sítios arqueológicos do estado, e Costa rica, as artes rupestres dessas localidades há predominância da policromia combinando figuras de animais e geométricas (Figura 13).

Figura 12: Pintura Monocrômica rupestre da região de Rio Negro MS

Fonte: chc.org[18]

Figura 13: Pintura Policrômica do Sítio Arqueológico em Alcinópolis MS

Fonte: www.alcinopolis.com Acesso em: 07/08/2016

[18] *Disponível em:* http://chc.org.br/nas-paredes-da-pre-historia/

Nos sítios arqueológicos de Alcinópolis MS são encontradas gravuras rupestres da tradição Geométrica Meridional (Figura 14), gravuras dessa classificação são encontradas em outros sítios arqueológico do estado, do país e em outros países da América do sul (PROUS 1992).

Figura 14: Petroglifo (Gravuras) rupestres, tradição Geométrica Meridional, Alcinópolis MS

Fonte: Aguiar (2012).

Assim como artes rupestres de outras regiões do mundo, essas manifestações visuais do homem pré-histórico sul-mato-grossense, tinham como sentido simbólico a prática da sua religiosidade e o ensino das novas gerações, onde, “todas essas atividades eram registradas nas paredes rochosas por meio de pinturas e gravuras” (AGUIAR 2012, p.28), utilizando os materiais que a natureza lhes oferecia e os utensílios de rochas por eles produzidos.

2.4 - Sítios Arqueológicos.

Sítios arqueológicos são locais que abrigam registros pré-históricos como arte rupestre, monumentos e objetos ou artefatos de uso cotidiano dos povos antigos. Esses locais são muitas vezes demarcados para realização de escavações, estudos e análises, com o intuito de localizar e preservar toda informação que uma pintura ou gravura rupestre, artefato ou monumento, presentes nesses locais, possa oferecer (AGUIAR, et. al. 2012).

A preservação e análise minuciosa de um sítio arqueológico são necessárias para a descoberta de culturas materiais[19] que apontem a presença de comunidades pré-históricas na localidade. Antes de se datar a arte rupestre, se faz necessário datar primeiramente o sítio arqueológico e as culturas materiais nele encontrado.

Geralmente, sítios arqueológicos que no passado serviram como abrigos ou templos para populações pré-históricas, são localizados em formações rochosas (cavernas e abrigos) cuja área ao redor ofereça recursos naturais que favoreça a sobrevivência e facilite a permanência de um povo na região. A primeira preocupação sobre um sítio é determinar sua idade aproximada. Essa datação é feita através da análise da cultura material (cerâmicas, artefatos de osso, rochas, projéteis, machados, raspadores) e das artes rupestres encontrada no sítio (AGUIAR, 2012).

A partir da realização da datação do sítio arqueológico é possível reunir informações que demonstrem dados aproximados do período em que a região foi habitada. Os sítios arqueológicos mais famosos mundialmente são as cavernas de Lascaux na França, o santuário de Stonehenge na Inglaterra (JANSON, 1996), no Brasil destaca-se o Parque Nacional da Serra da Capivara no Piauí, o conjunto de sítios arqueológicos em Alcinópolis Mato Grosso do Sul e a área de estudo desse trabalho de conclusão de curso, localizado em solo paraguaio, há 60 quilômetros do munícipio de Pedro Juan Caballero no Paraguai, o Sítio Arqueológico Cerro Akuá.

O Paraguai possui um vasto acervo de arte rupestre em seu território, assim como em Mato Grosso do Sul essas obras rudimentares são semelhantes à outras encontradas em diferentes regiões da América do Sul. Conforme Lasheras (2012), assim como no Brasil, a arte rupestre paraguaia é um patrimônio[20] arqueológico, artístico, histórico e cultural pouco conhecido. O conhecimento sobre sítios arqueológicos e artes rupestres na região de fronteira ainda é exclusivo de uma pequena parcela da população local, sendo alguns historiadores, poucos professores e autoridades. A comunidade fronteiriça em geral desconhece as

---

[19] Artefatos de uso geral ou vestígios orgânicos deixados pelo sujeito pré-histórico e encontrados em sítios arqueológicos (AGUIAR et. Al, 2012).

[20] Conforme publicado na página virtual do IPHAN "*Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico.*

gravuras existentes em Cerro Akuá, consequentemente acabam desconhecendo os valores históricos, culturais e artísticos implícitos nelas. Assim apresentar o sítio e trazer à tona tais valores é de suma importância para agregarmos mais saberes à linha do tempo histórica da fronteira.

2.5 - *Petroglifos* Tradição Geométrica Meridional.

Também chamado de gravuras rupestres, os *petroglifos* (figura 15) são grafismos em baixo relevo desenvolvidos por grupos pré-históricos, no Brasil foram feitas entre 4.500 anos e 2.500 anos atrás. Essas artes rudimentares eram feitas através do atrito ou percussão de utensílios rochosos – pontas de projéteis, facas, machados, raspadores planos-convexos) - contra as paredes das cavernas e abrigos (AGUIAR 2012).

Figura 15: Petroglifos, Sítio Arqueológico Cerro Akuá

Fonte: Matheus Heiderich

Geralmente trazem em sua composição figuras geométricas, linhas em paralelo, símbolos tridáctilos[21], cupuliformes[22] e gravuras semelhantes a impressões deixadas por pegadas de animais. Diferente do que ocorre nas pinturas, é de difícil

[21] Figuras rupestres é composta por linhas interligadas, muito semelhante a pegadas de aves ou setas (PROUS 1992).
[22] Gravuras cuja forma lembra uma cúpula o semicírculo (PROUS 1992).

interpretação, alguns autores acreditam que seja uma forma de escrita, contudo, diferentemente dos hieróglifos egípcios e escrita cuneiforme traduzidas com o auxílio da Pedra de Roseta[23], não foi encontrado artefatos que indiquem que tais gravuras sejam uma forma de escrita e que possibilite a tradução dessas inscrições (AGUIAR 2013).

Apesar de haver uma distância temporal entre pinturas e gravuras, onde Aguiar (2012) afirma que as pinturas em geral, são mais antigas que as gravuras, essas manifestações rudimentares seguem uma chave de classificação, não só de acordo com as técnicas empregadas, mas também baseada na localização e nas figuras utilizadas nas composições das gravuras.

Tradições é a terminologia utilizada pela Arqueologia na classificação das artes rupestres no Brasil, onde exemplificamos as tradições Planalto, Geométrica, Meridional, Geométrica Setentrional, Litorânea Catarinense, Nordeste, Agreste, São Francisco e Amazônica (PROUS, 1992). Cada uma delas com suas características seja na localização, na forma de execução ou nas composições.

Na tradição geométrica há duas subdivisões, a primeira “Meridional e Central encontrados nos sítios presentes nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul “observada em Cerro Akuá PY. A segunda “Setentrional” ou “Tradição Itacoatiara” encontradas nos sítios arqueológicos nos estados do Ceará, Paraíba e Goiás. Em relação à diferenciação entre essas subdivisões Prous (1992, pág. 515) frisa:

> Manifestações Setentrionais (subtradição Itacoatiara). São exclusivamente sítios gravados nas imediações dos rios, e particularmente de cachoeiras, onde aproveitam o afloramento de rochas duras. Muitos dos blocos gravados costumam ser submersos pelas enchentes [...] As gravuras são freqüentemente polidas, e nota-se a grande predominância dos “cupuliformes” (depressões hemisféricas ou em calota de esfera) [...] as outras figuras são quase exclusivamente geométricas também, e sua complexidade varia muito de um sítio para outro. Manifestações Meridionais (subtradição Morro do Avencal). Os sítios apresentam gravações por vezes retocadas por pinturas, e são localizados fora do acesso de enchentes, até longe da água. O tema predominante passa a ser o “tridáctilo”, triângulos (com incisão ou ponto do tipo “vulvar”) [...] as outras figuras incluem ainda cupuliformes, e por vezes curvilineares.

[23] Fragmento de Granito Negro descoberto pelo exército de Napoleão em 1799, trazia inscrições nos idiomas grego e demótico, assim como hieróglifos egípcios, artefato de suma importância para a tradução dos hieróglifos.

Petroglifos da tradição Geométrica Meridional foram feitos por povos entre 4.500 e 2.500 anos atrás. Apesar dessa tradição aparecer em diversas regiões do país, isso não significa que foram feitas pelo mesmo povo. Entretanto, vale frisar que, com o passar dos anos, pode ter ocorrido sobreposição de gravuras em sítios arqueológicos feitas por diferentes povos em épocas distintas.

A tradição correspondente ao objeto de estudo desse trabalho, no caso as gravuras rupestre do sítio arqueológico Cerro Akuá Py, pentencem, segundo a chave de classificação arqueológica, à Tradição Geométrica Meridional. Segundo Aguiar (2012), essa tradição rupestre é mais abrangente no aspecto territorial, sendo encontrada em vários estados do Brasil - do Tocantins até o Paraná e no Paraguai (Cerro Akuá). A variedade de regiões onde foram encontradas as gravuras dessa tradição, assim como as formas apresentadas em sua composição, são reforçadas por Prous (1992, pág. 511) em sua obra “Arqueologia Brasileira” onde ele afirma que a “Tradição Meridional é caracterizada por gravuras geométricas lineares não-figurativas, incluindo um tema o tridáctilo (Figura 16) típico dos estilos pampeanos da Argentina e figuras vulvares (Figura 17).

Figura 16: Gravura rupestre, signo tridáctilo, Cerro Akuá PY.

Fonte: Matheus Heiderich

Figura 17: Imagem vetorizada de figura vulvar presente nas gravuras rupestres de Cerro Akuá.

Fonte: Matheus Heiderich

3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 - Sitio Arqueológico Cerro Akuá e Gravuras Rupestres.

O sítio arqueológico Cerro Akuá 1 (Figura 18 e 19), área de estudo desse trabalho, localiza-se há 60 quilômetros dos municípios de Pedro Juan Caballero PY e Ponta Porã BR, estando dentro dos limites da faixa de fronteira, ou seja, dentro dos 150 quilômetros a partir da fronteira linha que divide as duas nações, conforme exposto por Borba (2013) e 100 quilômetros segundo as normas adotadas pela nação paraguaia.

Composto por dois sítios de arte rupestre, Cerro Akuá 1 e Cerro Akuá 2 (LASHERAS ET. AL, 2012). O primeiro é onde encontra-se as gravuras rupestres (Figura 20), objetos de estudo desse Trabalho de Conclusão de Curso. O cerro Akuá 1 é classificado pelos estudiosos como abrigo, ou seja, uma estrutura rochosa ampla, cuja entrada tem a mesma proporção do interior, já o segundo é uma caverna, estrutura lítica cuja entrada é relativamente menor ao interior da formação rochosa (AGUIAR ET.AL. 2013).

Figura 18: Sítio Arqueológico Cerro Akuá Py.

Fonte: Matheus Heiderich

Figura 19: Cerro Akuá

Fonte: Matheus Heiderich

A formação rochosa, onde estão gravados os Petroglifos rupestres, é composta, em grande maioria, por arenito, apresentando vegetação característica do Cerrado ao seu redor e abrigando atualmente comunidades indígenas da etnia *Guarany-Kaiowá.* As gravuras estão dispostas ao longo das paredes areníticas do sítio, apresentando formas e símbolos variados em sua composição.

Figura 20: Petroglifos de Cerro Akuá.

Fonte: Matheus Heiderich

O acesso a região tornou-se restrito após a instalação de comunidades indígenas no local. Algumas das gravuras já se encontram em situação de vestígio devido as ações erosivas naturais, o que, juntamente com a necessidade de reunir e registrar imagens e informações sobre tais artes pré-históricas, justificam a escolha do objeto de estudo desse trabalho.

3.2 – Metodologia

Após definição do tema “Resgate dos valores artísticos, históricos e culturais da Arte pré-histórica da fronteira Brasil/Paraguai, através dos estudos realizados sobre as artes rupestres encontradas em Cerro Akuá Py”, foi elaborada a problemática “Quais os valores artístico, histórico e cultural das artes pré-históricas e, quais as técnicas e materiais empregados no desenvolvimento dessas manifestações visuais que marcam a cultura e a história do povo que viveu na região de fronteira entre 4.000 e 2.000 anos atrás?” sendo o ponto de partida para as etapas englobadas pela pesquisa desenvolvida.

O caminho de construção do trabalho seguiu os seguintes procedimentos: primeiro fizemos o levantamento bibliográfico, em seguida realizamos o levantamento, registro e coleta de dados. Procedemos a ilustração visual dos grafismos e a análise histórica, comparativa e descritiva das informações reunidas. Para Marconi e Lakatos (2007, p.15) “pesquisar não é apenas procurar a verdade; é encontrar respostas para questões propostas, utilizando métodos científicos”.

Usando como premissa a questão proposta (MARCONI E LAKATOS, 2007) ou problemática formulada foram definidas a abordagem, as técnicas e recursos materiais e bibliográficos aplicados na elaboração da pesquisa e resultados desse trabalho de conclusão.

A metodologia aplicada fez uso de uma abordagem qualitativa, esta, conforme Bogdan e Biklen (1982) citado por Lüdke e André (1986, pág.11) “tem o ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Através do contato direto com o sítio Arqueológico Cerro Akuá PY, no qual se encontram as gravuras rupestres, foram desenvolvidos estudos sobre as particularidades da área de estudo, no caso os *Petroglifos*, onde procurou-se chegar a um conhecimento de maior amplitude em relação à eles e aos contextos histórico, cultural e artístico que trazem em si.

As experiências apreendidas ao longo da graduação com as disciplinas de Desenho Artístico, História da Arte, Design Gráfico, Formas e Expressão,

Antropologia, Fundamentos Filosóficos, Projeto de Pesquisa Interdisciplinar e da Fotografia, assim como as experiências externas à instituição, foram empregadas, não só na construção do projeto de pesquisa, mas também em todas as etapas seguintes no processo de elaboração desse Trabalho de Conclusão de Curso.

O método indutivo foi adotado quando, através da análise dos pontos mais particulares extraídos dos dados registrados, buscou-se interpretações e "conclusões", cujo conteúdo resultante é mais amplo que os identificados nas etapas iniciais dos estudos (MARCONI E LAKATOS, 2007).

3.3 – Técnicas de Pesquisa adotadas

A pesquisa é ferramenta primordial no levantamento e coleta de dados para o enriquecimento, desenvolvimento e conclusão de um trabalho científico. Ao registrar, observar e analisar atentamente as informações coletadas, o pesquisador preocupou-se em adotar uma posição imparcial na análise das informações pertencentes a contextos históricos, culturais e artísticos de sociedades passadas, para assim, possibilitar a construção de um conhecimento mais amplo e completo em relação ao objeto de estudo determinado (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Dentre as formas de pesquisa adotadas na metodologia, destacam-se a pesquisa bibliográfica, fundamental ou básica pura, histórica e pesquisa de campo. Cada uma delas utilizadas com objetivo específico em diferentes etapas no processo de construção desse trabalho.

A pesquisa fundamental ou básica pura visa a ampliação dos conhecimentos teóricos "sem a preocupação de utilizá-los na prática" (MACONI E LAKATOS, 2007, p.19), a ampliação dos conhecimentos teóricos do TCC se deu através de pesquisas bibliográficas realizadas em referenciais teóricos conhecidos ao longo das atividades acadêmicas durante a graduação e sugeridos pelo corpo docente, orientador e especialistas na área.

A pesquisa bibliográfica é a principal fonte de dados, conceitos e classificações, fundamentadas em teorias e hipóteses oriundas de diferentes autores, em diferentes áreas do conhecimento, apresentadas ao longo de todo referencial teórico exposto

nos capítulos 1 e 2. Usando como fonte primárias de dados fatos históricos, bibliografias ligadas ao campo das Artes Visuais, Arqueologia, Antropologia, Filosofia, Estética, Metodologia Científica e História geral, do Brasil, Mato Grosso do Sul e da região de fronteira entre os municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero.

A pesquisa histórica serviu como ferramenta para estabelecer a caracterização dos valores mencionados na problemática estabelecida, sendo empregada na investigação, registro, análise e interpretação dos acontecimentos passados para que, através das generalizações, possamos entender o contexto do presente, respondendo assim a pergunta condutora do curso de Artes Visuais das Faculdades Magsul.

Após todo levantamento bibliográfico, a etapa do trabalho realizado em campo aconteceu de forma exploratória, no sentido de promover a familiarização do pesquisador com o ambiente e objeto estudado, assim como no desenvolvimento de hipóteses; descritivas, buscando reunir e expor todas as informações e características gerais e particulares em relação ao objeto de estudo (MARCONI e LAKATOS, 2007). Através da pesquisa realizada em campo que os Petroglifos foram registrados para a realização da ilustração gráfica dos mesmos nas páginas que se seguem nos resultados.

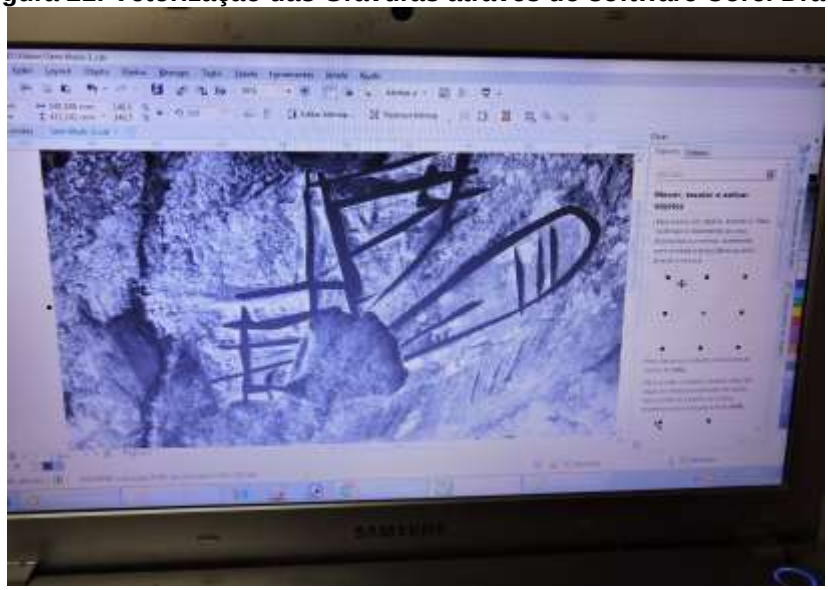
3.4 – Coleta de Dados

“Antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de todas as fontes de dados documentais que sirvam de suporte à investigação projetada” (MARCONI e LAKATOS, 2007, p.26), as fontes primárias de dados – informações históricas, bibliografias, artigos científicos publicados – fundamentaram todo o trabalho desenvolvido em campo, compuseram o referencial teórico e orientaram a construção dos resultados.

. Após realizar a leitura das fontes bibliográficas, reunir os dados dos mesmos, o contato direto com a área e objeto de estudo, foi efetuado o registro dos elementos visuais que compõe as artes pré-históricas encontradas em Cerro Akuá, assim como as características estruturais do sítio arqueológico. Ao término do registro dos

grafismos e do sítio, realizado com o apoio de uma câmera digital Nikon Coolpix P600, foram ilustrados e expostos através de desenhos realizados manualmente e em softwares específicos para edição e vetorização de imagens, no caso Corel Draw e Adobe Photoshop 7 (Figura 21).

Figura 21: Vetorização das Gravuras através do software Corel Draw.



Fonte: Matheus Heiderich

A tecnologia possibilita o transporte de dados e informações do ambiente natural onde estão localizados, para laboratório de tecnologia, reduzindo assim o tempo de permanência em campo e os riscos externos que por ventura poderiam ter atrapalhado no levantamento e coleta de dados (AGUIAR e EREMITES, 2010).

Com todos os dados bibliográficos, históricos e visuais, reunidos e organizados de acordo com os tópicos propostos na estrutura desse trabalho, foi iniciado o processo de análise dos mesmos, tendo como base conhecimento apreendidos dos campos das Artes Visuais, Antropologia, História e Filosofia.

3.5 – Métodos de Análise

Realizado todo o trabalho de campo exploratório, registro e ilustração dos grafismos, levantamento de dados bibliográficos e das pesquisas históricas. As informações foram reunidas, confrontadas e analisadas seguindo métodos de análise histórica, descritiva e comparativa conforme Marconi e Lakatos (2007).

A análise Histórica descreve “o que era” (MARCONI E LAKATOS, 2007, 20), onde, através das pesquisa e estudos realizados em fatos acontecidos no passado, e a interpretação dos mesmos, possamos identificar questões culturais e artísticas do presente. Através desse método, os conhecimentos sobre o homem pré-histórico construídos ao longa da história humana, foram usados como referência para interpretações e a compreensão de traços culturais e artísticos do homem neolítico. E a fonte histórica que fornece subsídios para descrevermos como era o período em que os *Petroglifos* de Cerro Akuá foram desenvolvidos, assim como as técnicas e materiais empregados nesse contexto histórico.

As interpretações realizadas de forma comparativa foram desenvolvidas objetivando encontrar nas artes rupestres estudadas, similitudes e diferenças com artes rudimentares de outros sítios arqueológico do Brasil e da América do Sul, com intuito de se chegar a uma classificação dos grafismos encontrados aqui na fronteira (MARCONI E LAKATOS, 2007), assim como suas características, e as diferenças e similitudes com artes rupestres existentes em outros sítios arqueológicos existentes no continente Sul-Americano.

Ao término da análise das informações e dados reunidos com bases históricas e a realização das comparações dos *Petroglifos* de Cerro Akuá com artes rupestres de outros sítios arqueológicos conhecidos, foi descrito, nos resultados, todas as características físicas e subjetivas dos grafismos, assim como as técnicas e materiais utilizados pelo homem pré-histórico na execução dessas manifestações visuais rudimentares. Seguindo assim o método de análise descritiva exposta por Marconi e Lakatos (2007) em seu livro Metodologia Científica.

3.6 – Recursos Materiais

Os recursos materiais e as técnicas empregados nos processos práticos e na exposição das hipóteses, teorias e resultados obtidos, destacamos a utilização de:

- Câmera Nikon Coolpix P600 (registro dos elementos visuais, gravuras e do ambiente onde se encontram);

- Corel draw e Adobe Photoshop 07 (utilizados para realizar a vetorização digital das gravuras e a construção das ilustrações das formas encontradas nas gravuras);
- Fotografia (técnica, cuja finalidade visa o registro e a transferência de dados visuais do ambiente estudado para o laboratório de tecnologia);
- Recurso bibliográficos.

Com os conhecimentos teóricos adquiridos após os levantamentos bibliográficos, juntamente com os dados recolhidos e registrados em campo e a construção das ilustrações e representações visuais das formas dos grafismos realizadas em um laboratório de informática, todos esses dados e ações foram reunidos, organizados e devidamente classificados.

Na sequência foi concretizada a análise dessas informações reunidas possibilitando a apresentação dos resultados obtidos, iniciando assim a construção das teorias e hipóteses em relação ao objeto de estudo e a discussão sobre elas, tendo como base todo referencial teórico reunido e exposto nas páginas referentes ao primeiro capítulo desse Trabalho de Conclusão de Curso.

4 - RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociedade fronteiriça tem o conhecimento sobre importantes pontos à respeito da linha do tempo histórica da região, muito se sabe sobre todo o contexto social, econômico, político e cultural em torno da extração da erva mate.

Sobre a Grande Guerra entre Paraguai e a Tríplice Aliança artefatos e documentos presentes em coleções particulares e públicas, assim como museus, nos fornecem informações sobre fatos ocorridos no período. Antropólogos e historiadores constantemente nos apresentam estudos sobre a chegada do fluxos migratórios à região e a influência dos mesmos sobre as culturas locais. Mas, quando tratamos da pré-história fronteiriça, pouco é conhecido pela população, assim como os raros estudos existentes, como os realizados pelos historiadores espanhóis do Museu de Altamira publicados em um livro intitulado el libro del piedra: Arte Rupestre em el Paraguay de Lasheras et. Al, ficam limitados ao âmbito acadêmico, não chegando as camadas populares ou as instituições de educação de nível básico da fronteira.

O principal objetivo deste trabalho de conclusão de curso é “levantar e compreender as informações culturais, históricas e artísticas existentes nos grafismos, gravados nas rochas do sítio arqueológico Cerro Akuá, região de fronteira Brasil-Paraguai”, com o intuito de expor a população fronteiriça que antes de todos os fatos mencionados nos parágrafos anteriores, em um período remoto, populações do Neolítico habitaram a região e nela praticavam sua cultura, registravam sua história e religiosidade através da arte, assim como extraiam os meios necessários para sua sobrevivência.

4.1 – A Gênese Histórica E Cultural Da Fronteira Brasil - Paraguai

A linha do tempo histórico-cultural da fronteira Brasil – Paraguai, mais precisamente na região composta pelos municípios de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, traz em si fatos históricos e manifestações culturais conhecidas ligadas aos primeiros grupos humanos que ocuparam a região Centro-oeste do Brasil entre 12.000 e 11.000 mil anos atrás (AGUIAR, 2012). Outro ponto pertencente a ela, são as ocupações de etnias indígenas que aqui se formaram e ainda vivem, antes da

chegada, tanto dos portugueses durante o processo de colonização (AGUIAR, 2012); quanto dos imigrantes.

Os contextos sociais, culturais, políticos e econômicos ligados as atividades extrativistas da erva mate, assim como dos conflitos referentes a grande Guerra entre Paraguai e a Tríplice Aliança, também fazem parte da linha do tempo histórica e cultural da fronteira, no entanto, para além dos fatos mencionados, um período que antecedeu a escrita, faz parte da nossa história e apresenta os primórdios da arte, história e cultura fronteiriça na região.

Há 60 quilômetros dos municípios de Pedro Juan Caballero e Ponta Porã localiza-se o sítio arqueológico Cerro Akuá situado dentro da extensão caracterizada como faixa de fronteira segundo os conceitos apresentados por Borba (2013) em seu artigo “Fronteiras e Faixa de fronteira: expansionismo, limites e defesa”, o autor expõe que caracteriza faixa de fronteira o território que se expande até 150 quilômetros da fronteira linha.

As manifestações visuais conhecidas como gravuras rupestres ou “Petroglifos” (AGUIAR 2012) presentes nesse sítio, demonstram que, anteriormente à todos os acontecimentos mencionados sobre a linha do tempo da história fronteiriça, grupos humanos já habitavam e extraíam do ambiente, constituído atualmente pela faixa de fronteira que parte da linha limite dividindo as cidades gêmeas de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, todas as ferramentas e recursos naturais necessários para sua subsistência.

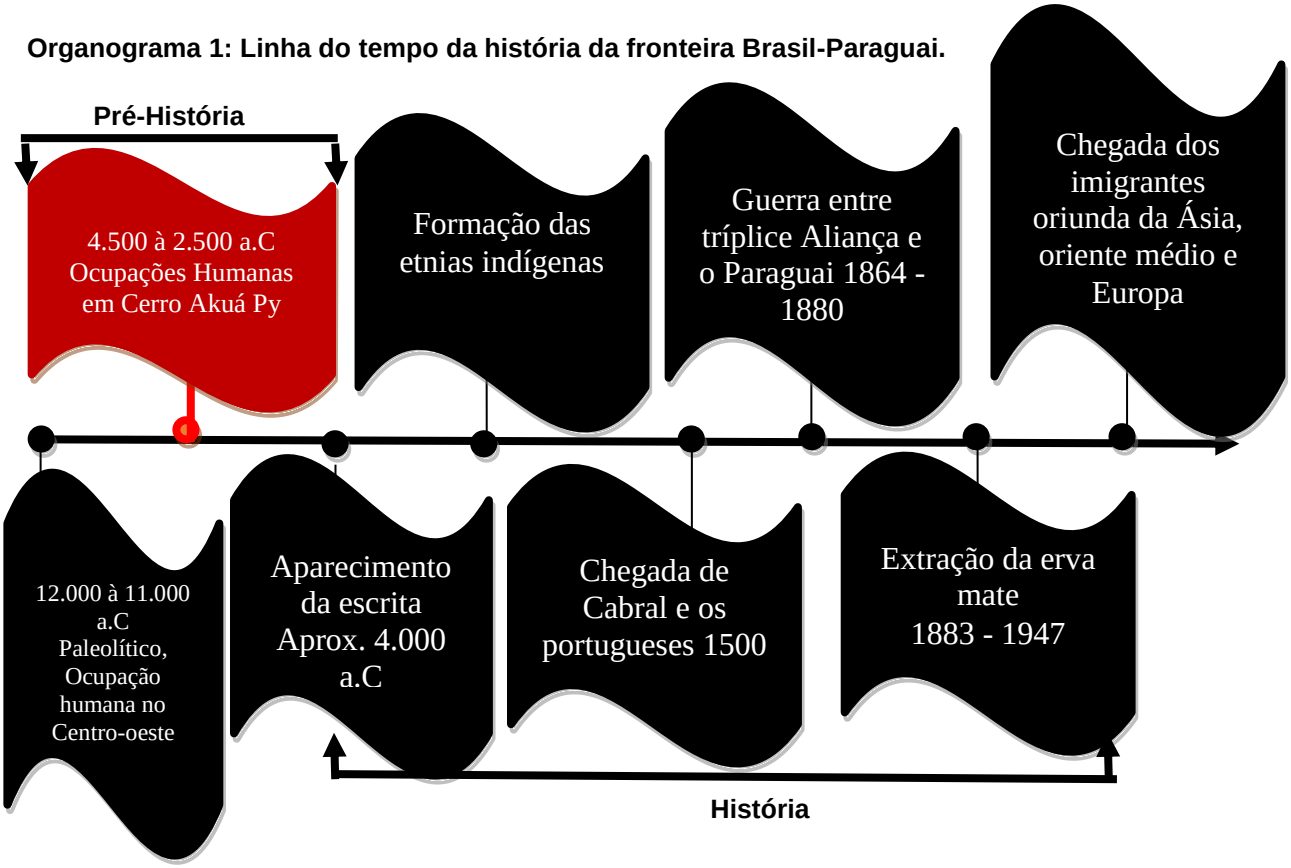
Com base nas informações e dados reunidos sobre as gravuras de Cerro Akuá, conclui-se que os povos pré-históricos fronteiriços, que deixaram suas marcas nas formações rochosas do abrigo (Figura 22), pertenciam ao período neolítico, ou seja, aqui se estabeleceram entre 4.500 e 2.500 a.C., pois conforme Aguiar (2012) as gravuras são mais recentes que as pinturas rupestres situadas entre 10.000 e 8.000 anos atrás.

Figura 22: Abrigo do sítio arqueológico Cerro Akuá.

Fonte: Matheus Heiderich.

Dessa maneira, podemos organizar a linha do tempo da fronteira da seguinte forma (Organograma 1):

Organograma 1: Linha do tempo da história da fronteira Brasil-Paraguai.



Mais do que instrumentos que nos permitem situar historicamente o período em que tais artes rupestres foram feitas sobre as formações areníticas de Cerro Akuá, são, também, importantes ferramentas de difusão de informações sobre características culturais (AGUIAR, et. Al, 2013) dos grupos humanos do neolítico que estiveram na região de fronteira Brasil – Paraguai.

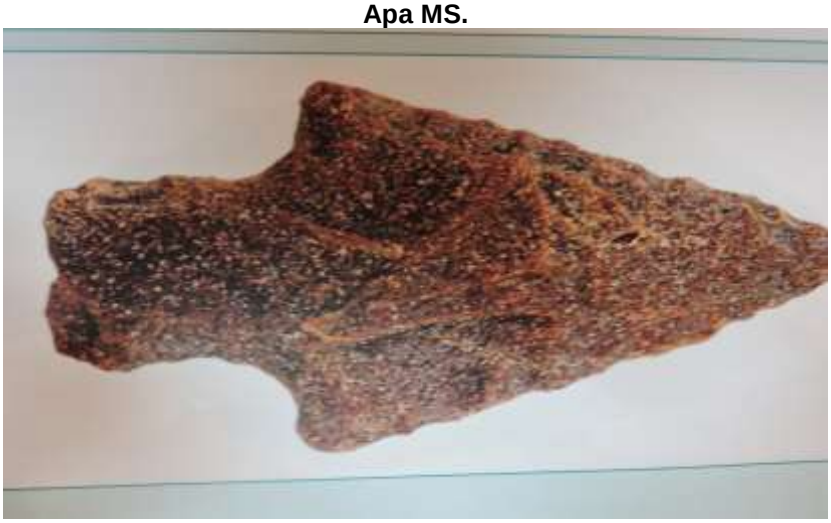
Baseado em Marconi e Presotto (2007), podemos entender a cultura como em um conjunto de ideias, normas, crenças, técnicas, abstrações, artefatos, valores, comportamentos e rituais compartilhados por indivíduos pertencentes a um mesmo grupo social. Ao considerarmos que o homem do neolítico, participante de um grupo humano que transformava a natureza para dela extrair os artefatos usados no dia-a-dia e na elaboração de suas manifestações visuais (Figura 23) de cunho religiosos e místico (AGUIAR 2012), conseguimos identificar os traços culturais dos povos pré-históricos que viveram em um passado longínquo na região atualmente conhecida como a faixa de fronteira através dessas obras de arte do neolítico e dos materiais empregados no desenvolvimento das mesmas.

Figura 23: Petroglifos de cerro Akuá, figuras geométricas com traços vulvares na composição.

Fonte: Matheus Heiderich

O homem pré-histórico fronteiriço, ao transformar fragmentos de rocha em facas, machados, raspadores e projéteis de flecha ou lanças (Figura 24), e, através deles, gravar e registrar seu cotidiano, suas crenças e mitos nas paredes do abrigo em Cerro Akuá, passaram a ser agentes culturais (VANNUCHI 2002), ou seja, além produzirem cultura, interagiam com ela e por ela sofriam influências, deixando sua história nas paredes do sítio arqueológico.

Figura 24: Projétil de flecha de arenito silicificado, encontrado no córrego Machorra bacia do Apa MS.



Fonte: Martins e Kashimoto (2014)

O homem neolítico da fronteira era cultural e consequentemente histórico, pois além de modificar a natureza à seu favor, utilizava tais ferramentas para expressar seus simbolismos, gerando história e transmitindo-as as gerações posteriores, tudo conforme o seu estado de pureza ou ingenuidade do “primitivo” conforme Pinto (1955). Mais do que sujeito cultural, escritor da própria história e religiosidade, também era o artista do neolítico, que da natureza extraía não só os materiais necessários para efetuar suas obras, mas também todo simbolismo e as formas que buscava imitar através das artes rupestres deixadas nas cavernas e abrigos. A partir dessas informações conseguimos identificar os primórdios da cultura na fronteira Brasil-Paraguai.

4.2 – O Artista Neolítico Fronteiriço e as Gravuras Rupestres de Cerro Akuá

Agora adentremos ao aspecto artístico e estético das obras de Arte pré-históricas da fronteira, primeiro, podemos caracterizá-la como Arte, pois envolve três pontos, a técnica, o artista (homem pré-histórico) e o observador que a contempla (COLI 1989), em sequência seu valor artístico ou sua aura (CHAUÍ, 2006) está ligado ao seu valor histórico.

Diferente de obras famosas de movimento artísticos que marcaram determinados períodos, ou das obras de artistas da fronteira como o paraguaio Júlio Cezar Alvares ou o brasileiro Silvio Russo, a arte do neolítico, assim como do

Paleolítico, traz os primórdios das manifestações visuais do homem fronteiriço juntamente com a descoberta de materiais a serem utilizados nessas criações artísticas, assim como das técnicas empregadas. O homem pré-histórico lutou contra as limitações do período em que se encontrava no que se refere aos materiais para produzir suas obras, ele procurou e escolheu minuciosamente as matérias-primas ou artefatos necessários às suas manifestações visuais, “nessa escolha já está uma qualidade do artista, em saber selecionar aquilo que vai usar” (PINTO, 1955, p.59).

Atualmente temos ao nosso alcance todos os materiais industrializados necessários para construirmos um trabalho artístico, já o artista pré-histórico precisou buscar nos minerais juntamente com resinas extraídas da natureza as tintas necessárias para pintar suas obras, ou nas rochas, ossos e madeiras, as ferramentas necessárias para gravar seus simbolismos nas cavernas (AGUIAR 2012).

O homem neolítico da fronteira recorreu aos artefatos de rochas pra desenvolver os *petroglifos* encontrados nas paredes do abrigo do Sítio Arqueológico Cerro Akuá. Assim como determinadas obras são classificadas como pertencendo à um movimento artístico de acordo com a sua composição, material e técnicas empregadas, essas obras de Arte da pré-história também são classificadas de acordo com tais pontos, essa classificação conforme Prous (1992) e Aguiar (2012) são chamadas tradições arqueológicas.

As gravuras encontradas em Cerro Akuá fazem parte da Tradição geométrica Meridional (AGUIAR 2012) (Figura 25)., onde as principais características dessas, são as formas geométricas, linhas em paralelos, círculo concêntricos, símbolos tridáctilos, vulvares e cupuliformes em sua composição, muitas vezes não conseguimos identificar tais símbolos nas fotos originais devido ao desgaste natural da rocha, contudo as formas ficam mais claras quando vetorizamos a imagem dando-lhe características de ilustração. Alguns estudiosos acreditam que possam ter alguma relação com astronomia, contudo, gravuras rupestres dessa tradição são de complexa interpretação, entretanto, isso não significa que tais artes rudimentares não trazem em si informações sobre o homem pré-histórico (AGUIAR, 2012), que há muito viveu na região fronteiriça.

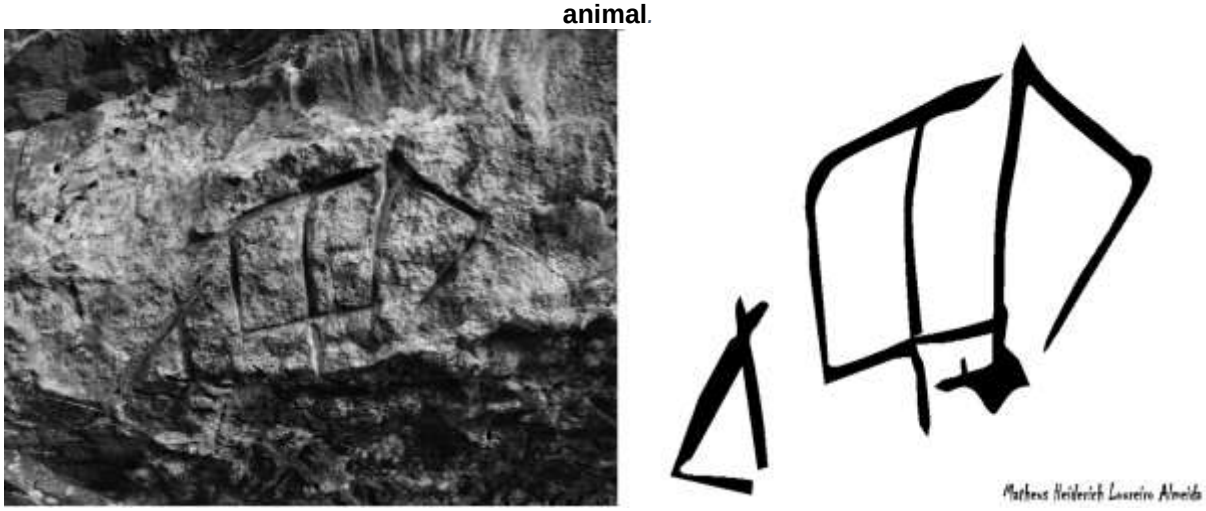
Figura 25: Composições das gravuras de Cerro Akuá vetorizadas, formas geométricas tridáctilas e cupuliforme e vulvares compõe as características da Tradição Geométrica meridional.

Fonte: Matheus heiderich

Muitos dessas formas mencionadas, conforme Aguiar (2012), assim como outros autores como Prous (1992), descrevem que tais símbolos e a tradição em questão são muito abrangentes no que se refere a território. Dentro do estado de Mato grosso do Sul encontramos artes semelhantes em sítios Arqueológicos de Alcinópolis, e a nível nacional são encontradas em outros estados como Bahia, Tocantins, São Paulo, Goiás e Mato Grosso, contudo, isso não significa que tenham sido feitas por um mesmo povo ou possa indicar um contato entre eles (AGUIAR 2012).

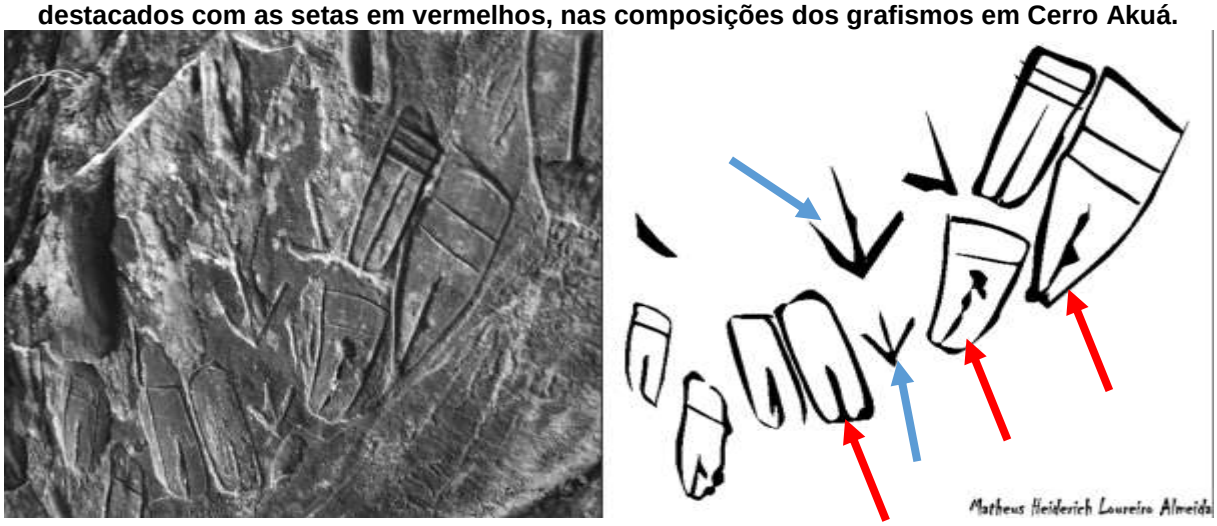
Para Prous (1992) muitos desses grafismos representam impressões ou pegadas de animais existentes no período, assim como as pinturas rupestres de Alcinópolis conforme Aguiar (2012), alguns dos grafismos encontrados em Cerro Akuá lembram a forma de animais (Figura 26), já as formas vulvares ou composta por vulvas (Figura 27), fazem alusão a fertilidade da mulher, assim como a vênus de Willendorf que tinha tal estrutura bastante evidenciada.

Figura 26: Uma das gravuras encontradas e registradas em Cerro Akuá, lembra a forma de um animal.



Fonte: Matheus Heiderich

Figura 27: Símbolos Tridáctilos seta azul, cupuliforme e a presença de estruturas vulvares destacados com as setas em vermelhos, nas composições dos grafismos em Cerro Akuá.



Fonte: Matheus Heiderich

Nos sítios arqueológicos de Alcinópolis, Mato grosso do Sul, encontra-se gravuras realizadas usando técnicas distintas, as picoteadas obtidas pelo processo de percussão da ferramenta sobre a rocha e as polidas, derivada da ação de friccionar um raspador ou projétil de flecha sobre a rocha juntamente com água e areia para aumentar o atrito (AGUIAR 2012). Em Cerro Akuá foram observadas apenas gravuras polidas no abrigo estudado, essas apresentam características mais lineares do que as picoteadas, pois o artista neolítico era mais preciso friccionando artefatos sobre as formações rochosas do abrigo do que percutindo sobre cada figura realizada.

Não foi encontrada nenhuma pintura rupestre no sítio, apenas gravuras, muitas destas já se encontram em estado de vestígio devido aos processos erosivos naturais da rocha, o que aumenta a importância de se efetuar o registro e ilustração dos grafismos, levando em conta que registrá-los e realizar as devidas ilustrações estão entre os objetivos propostos na pesquisa. Que também busca expor a importância de se tratar essa manifestações artísticas do neolítico, como uma parcela essencial para enriquecermos nossa história enquanto sujeitos fronteiriços, assim como conhecer mais sobre a história da arte na região entre as cidades gêmeas.

Um dia essas heranças históricas, culturais e artísticas do homem pré-histórico fronteiriço vão se perder devido ao tempo, então registrá-las é garantir que as futuras gerações da sociedade Brasil-Paraguai saibam que a história da arte e cultura da nossa região vão muito além dos fatos já conhecidos e mencionados nas páginas anteriores. Cada gravura vetorizada (Apêndice A,B,C,D, E, F, G e H), ou melhor, cada obra de arte gravadas nas rochas de Cerro Akuá, traz em si a expressão, a memória e a liberdade de um povo que tinha como únicos objetivos a sobrevivência, a perpetuação de sua espécie e o registro de suas ações e crenças, porque assim como nós, o homem pré-histórico da fronteira também tinha a necessidade de registrar sua passagem nesse mundo de alguma forma, desde os momentos mais corriqueiros até os mais emblemáticos (AGUIAR 2012). O registro de nossas ações, religiosidade, história e cultura é algo inerente ao ser humano, e isso nos acompanha desde a pré-história até os dias atuais, expondo uma das funções da arte que vai além da beleza e da perfeição das obras gregas ou renascentistas, a função de nos transmitir a cultura e a história daqueles que caminharam por estas terras fronteiriças milênios antes dessa geração atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os povos que habitaram a fronteira tinham de fato sua cultura, esta, representada não apenas por seus grafismos, mas também pela transformação dos recursos naturais em utensílios utilizados no cotidiano e na elaboração das gravuras. Também, por pertencerem ao Neolítico e já serem sedentários, não usavam mais cavernas e formações rochosas como abrigos e lares, mas sim como templos onde praticavam sua religiosidade, suas tradições e seus rituais, elementos culturais que mantiveram-se e foram sendo aprimorados ao longo dos milênios até chegar aos grandes e adornados templos religiosos, assim como as festas religiosas comemorativas da atualidade.

Juntamente com a cultura, está a história desses povos da fronteira pré-histórica que cobriam-se com peles, extraiam da natureza seus alimentos e que caminharam nessas terras antes dos atuais sujeitos fronteiriços e suas vestimentas modernas, dos ervateiros que derramaram seu suor colhendo e transportando erva mate para garantir seu sustento. Os fronteiriços do neolítico viveram nessa fronteira que milênios mais tarde foi banhado pelo sangue de bravos soldados de duas nações que no passado foram inimigas e hoje dividem espaço realizando suas trocas econômicas, culturais, mesmo que ainda existam rusgas entre eles.

Quanto à arte, seus valores artísticos não são os mesmos que os observados nas coloridas e belas telas em acrílica do artista Júlio Cesar Alvarez e seu realismo fantástico (Anexo A) ou das linhas do estilo Biopsíquico do artista fronteiriço Silvio Russo (Anexo B). A arte do artista pré-histórico da fronteira é menos rica visualmente, mas sua importância não está em sua beleza, mas sim no seu sentido, na sua história, nas dificuldades do artista em descobrir os materiais úteis na elaboração das suas formas geométricas e impressões animais e principalmente por marcarem a passagem daqueles que há 4.500 aqui viveram, se expressaram nas rochas e enriqueceram nossa história enquanto sujeitos na fronteira.

De onde viemos? Não apenas dos fatos que possibilitaram o encontro dos nosso avós, pais, mas também viemos do homem fronteiriço do Neolítico, não apenas deles, também dos indígenas que aqui habitaram, dos colonizadores que aqui

desbravaram, dos soldados que perderam suas vidas em batalhas, dos ervateiros que escolheram a região para criarem seus filhos, dos imigrantes que aqui buscaram melhores condições de vida. Pois é isso “Que somos”, frutos da história, transformados e moldados pelas inúmeras culturas aqui instaladas, conhecendo-as pelos símbolos e obras de artes deixadas por aqueles que se aventuram no viés das manifestações visuais e das artes. “Para onde vamos?” Essa talvez a parcela mais complexa a ser respondida pois o futuro é incerto, mas, enquanto profissional de Artes na fronteira Brasil-Paraguai, a busca pelo conhecimento e pela história daqueles que aqui não mais estão e deixaram suas marcas nas rochas da fronteira, parece ser o caminho mais correto a ser percorrido.

REFERÊNCIAS

AGUIAR R. L. S.; LIMA K. M.; REZENDE E. M.; GOMES E. O.: *ALCINÓPOLIS: pinturas e Gravuras da pré-história de Mato Groso do Sul*- 1ª ed. Dourados Ms, 2012.

AGUIAR, R. L. S. Alcinópolis Na capital da arte rupestre de Mato Grosso do Sul grafismos são testemunhos da vida na pré-história. *Revista Geo,* v. 39, 2012.

AGUIAR, Rodrigo L. S. *Arte Rupestre: Conceitos introdutórios.* 2012. Disponível em: www.scribd.com/rodrigo_simas_aguiar. Acesso em: Dia/Mês/Ano

AGUIAR, Rodrigo L. S. *Arte na Pedra:* O surpreendente e pouco conhecido patrimônio pré-histórico de Mato Grosso do Sul. *Revista Ciência Hoje*, v. 297, 2012.

AGUIAR, Rodrigo L. S.; EREMITES, Jorge O.: Ouso da reprodução digital no registro e catalogação de figuras de arte rupestre em situações de impacto e alto risco. *Revista Diálogos* Nº 14/2 2010. Disponível em: http://www.do.ufgd.edu.br/rodrigoaguiar/artigo_dialogos_publicado_2010.pdf. Acesso em: 19/06/2016.

BORBA, V. *Fronteiras e faixa de fronteira: expansionismo, limites e defesa***.** Disponível em: https://www.seer.furg.br/hist/article/view/4131 Acesso em: 22/09/2016

BURKE, Peter. *Hibridismo Cultural***. T**rad. Leticia Souza Mendes. São Leopoldo, UniSinos: 2003.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia***.** 13ª ed. São Paulo: Ática, 2006.

COLI, J. *O Que É Arte***? –** 10ªed. São Paulo: Editora Brasiliense 1989.

GRESSLER, A. Lori; VASCONCELOS, M. Luiza; KRUGER, S. P. Zelia. **A História do Mato Grosso do Sul** – 1ª ed. V. 1 – São Paulo: FTD, 2011.

JANSON, H.W; JANSON, A.F. **Iniciação À Hitória Da Arte** – [Trad. Jefferson Luiz Gonzaga]. 2ªed – São Paulo: Martins Fontes, 1996.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: Um Conceito Antropológico –** 26ªreimp 2014 – Rio de Janeiro: Zahar, 1986

LASHERAS J. A, FATÁS P, ALLEN F.; **"El Libro De Piedra: Arte Rupestre en el Paraguay"** ed. Fotosintesis Asunción Paraguai – 2012.

LÜDKE, Menga, ANDRÉ, E.D. **Pesquisa Em Educação: Abordagem Qualitativa –** 1986

MARCONI, M. de Andrade; LAKATOS, M. Eva. **Metodologia Científica** – 5ªed – 2ªreimp. – São Paulo: Atlas 2008.

MARCONI, M. de Andrade; LAKATOS, M. Eva. **Técnicas De Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas; Mostragens e Técnicas de Pesquisa;**

Elaboração, análise e interpretação de dados – 6ªed. – 3ªreimp. – São Paulo: Atlas 2007.

MARTINS, José de Souza. **O tempo da fronteira. Retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira.** Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, **8**(1): 25-70, maio de 1996.

MARTINS, R. Gilson; KASHIMOTO, M. Emília. **Catálogo de Artefatos Líticos Arqueológicos de mato Grosso do Sul** – 1. Ed. – Campo Grande MS – Life 2014.

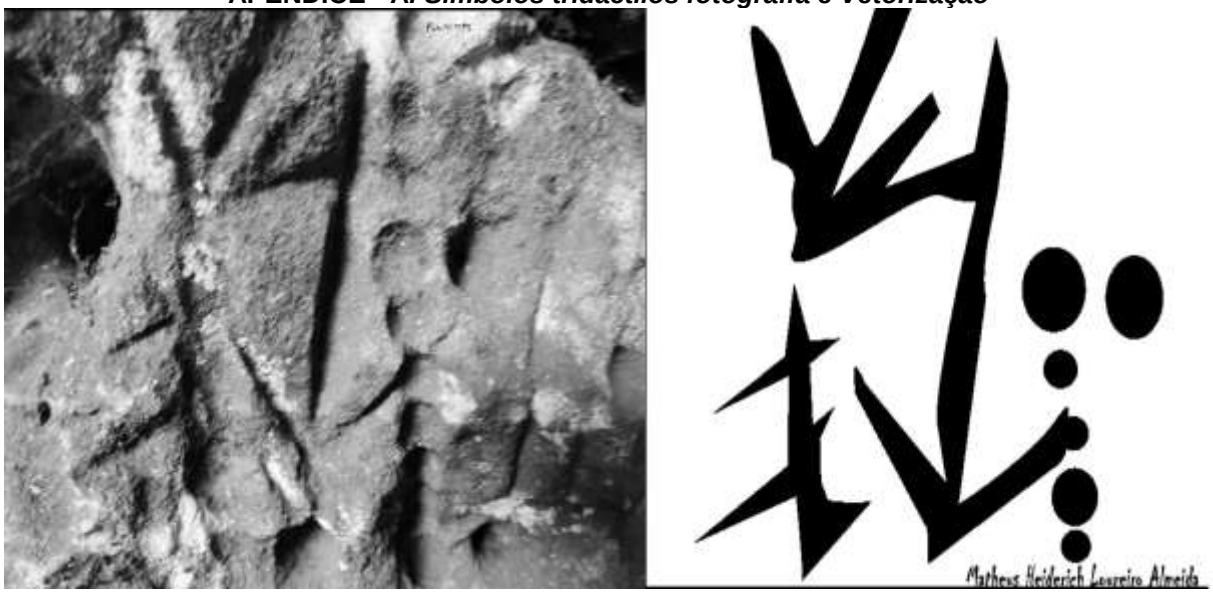
OLIVEIRA, M. C. Tito. **Tipologias das Relações Fronteiriças: Elementos Para o Debate Teórico-práticos –** Campo Grande MS. Editora da UFMS 2005.

PINTO, P. Odorico. **Arte Primitiva Brasileira –** Ed. Da Revista Do Arquivo Municipal São Paulo, 1955

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira***.* Brasília: UnB, 1992. Cap. XIV, pág. 511-515.

APÊNDICE

APÊNDICE - A*: Símbolos tridáctilos fotografia e Vetorização*

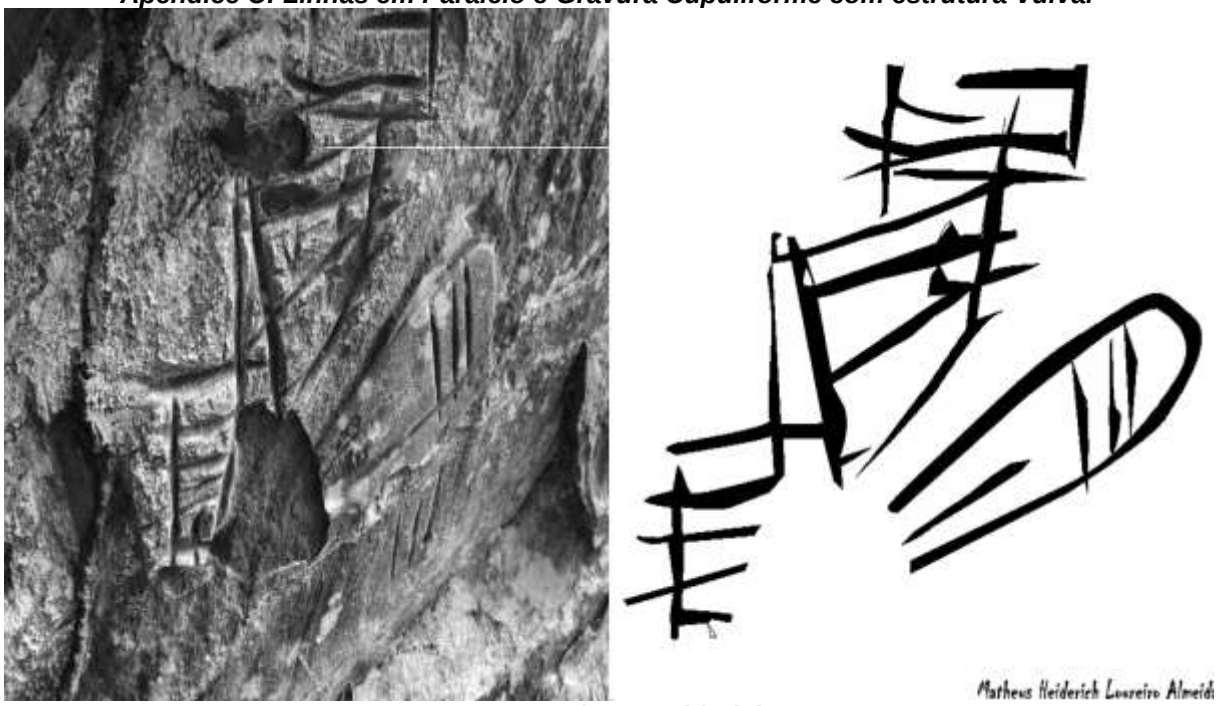


Fonte: Matheus Heiderich

***Apêndice B: Símbolos Vulvares e Cupuliformes, fotografia e vetorização das* mesmas**

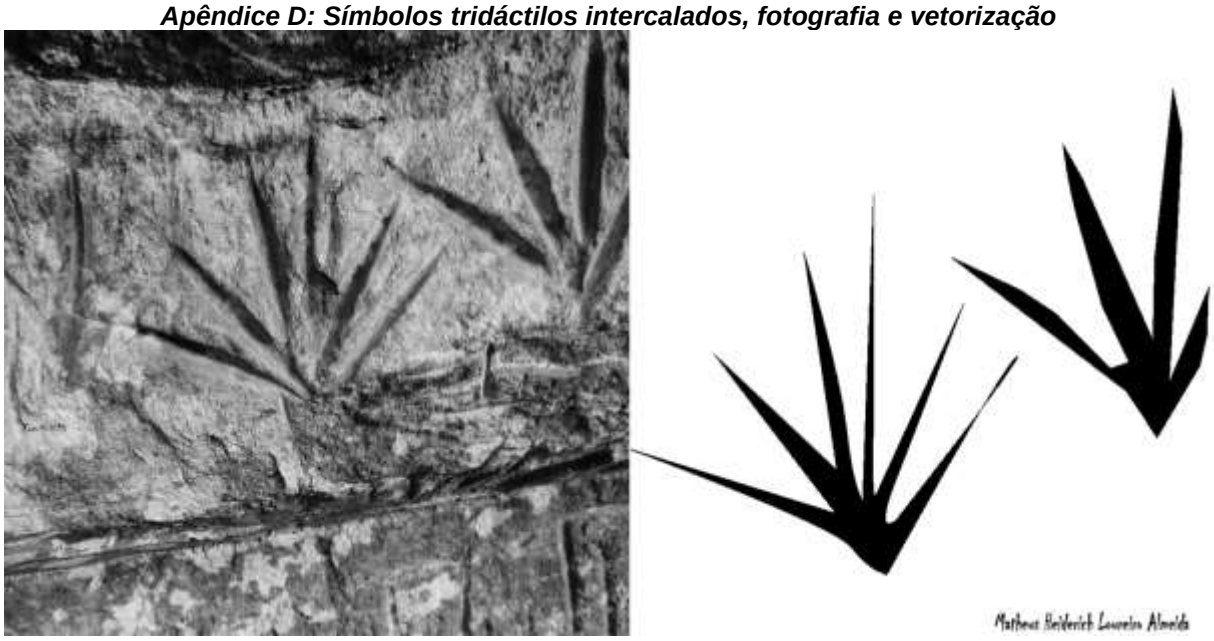
Fonte: Matheus Heiderich.

Apêndice C: Linhas em Paralelo e Gravura Cupuliforme com estrutura Vulvar



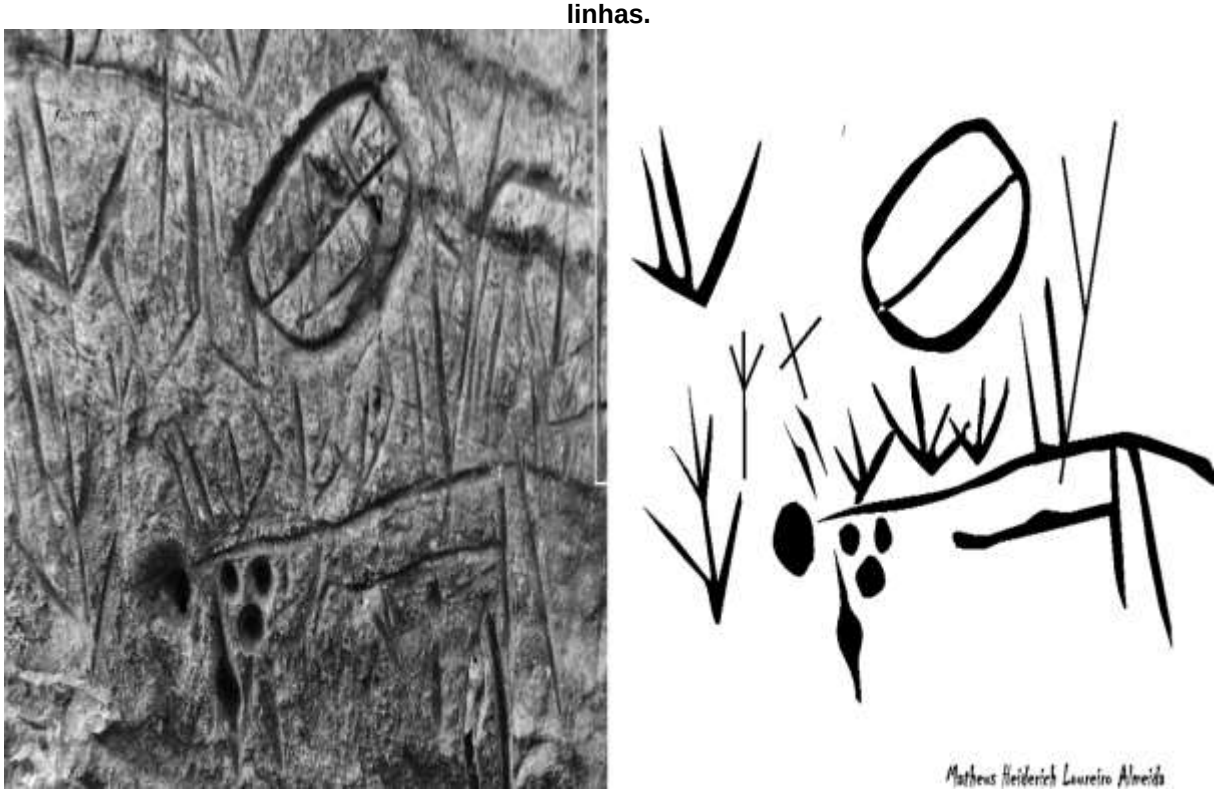
Fonte: Matheus Heiderich

Apêndice D: Símbolos tridáctilos intercalados, fotografia e vetorização



Fonte: Matheus Heiderich

Apêndice E: Petroglifos fotografia e vetorização da mesma, símbolos tridáctilos, círculos e linhas.

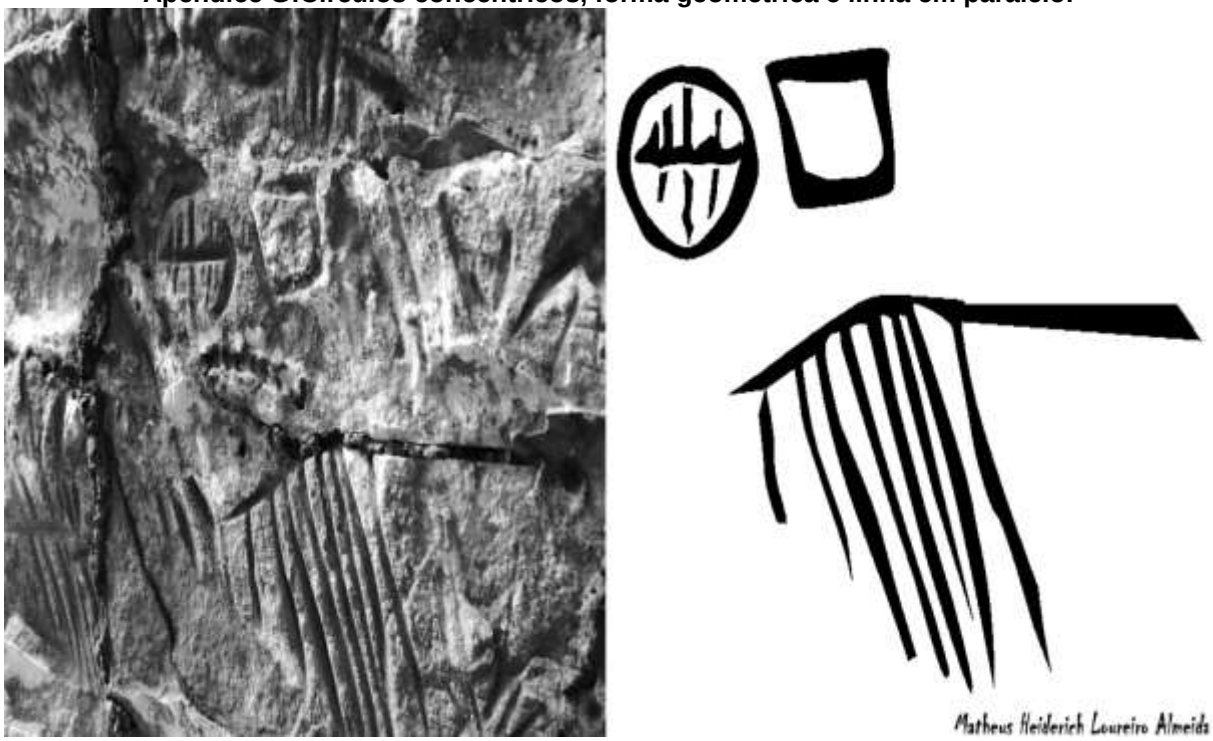


Fonte: Matheus Heiderich

Apêndice F: Linhas em paralelo e formas geométricas com estruturas vulvares.

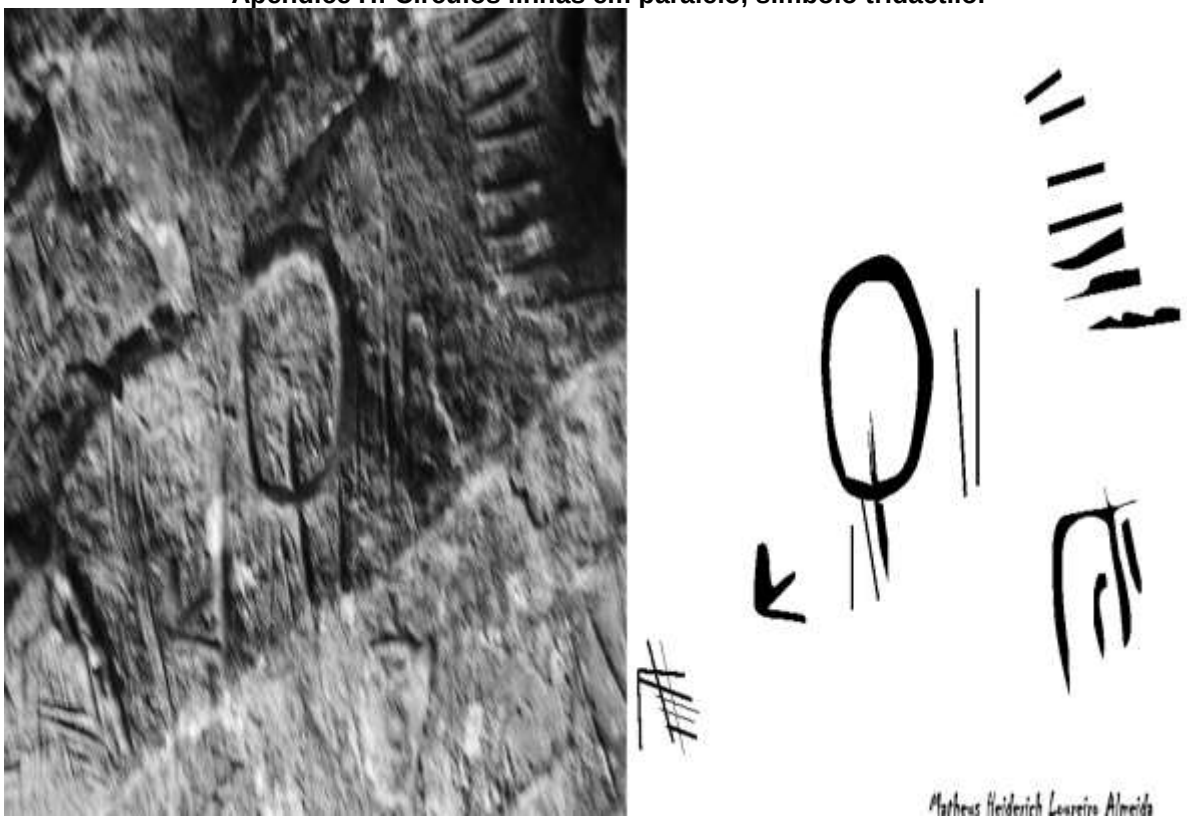
Fonte; Matheus Heiderich.

Apêndice G:Círculos concêntricos, forma geométrica e linha em paralelo.



Fonte: Matheus Heiderich.

Apêndice H: Círculos linhas em paralelo, símbolo tridáctilo.



Fonte Matheus Heiderich.

ANEXOS

ANEXO A: "Noche paraguaya" Julio Cesar Alvarez Estilo realismo fantástico.

Fonte; Artelista.com[1]

ANEXO B: Obra temática religiosa de Silvio Russo, estilo Biopsiquico.

Fonte: Antonio Luceni[2]

1 Disponivel em http://www.artelista.com/obra/2161859414624845-nocheparaguaya.html Acesso 12/12/2016
2 Disponível em: http://antonioluceni.blogspot.com.br/2013/05/ola-pessoal-alegria-estar-com-voces.html Acesso:12/12/2016.